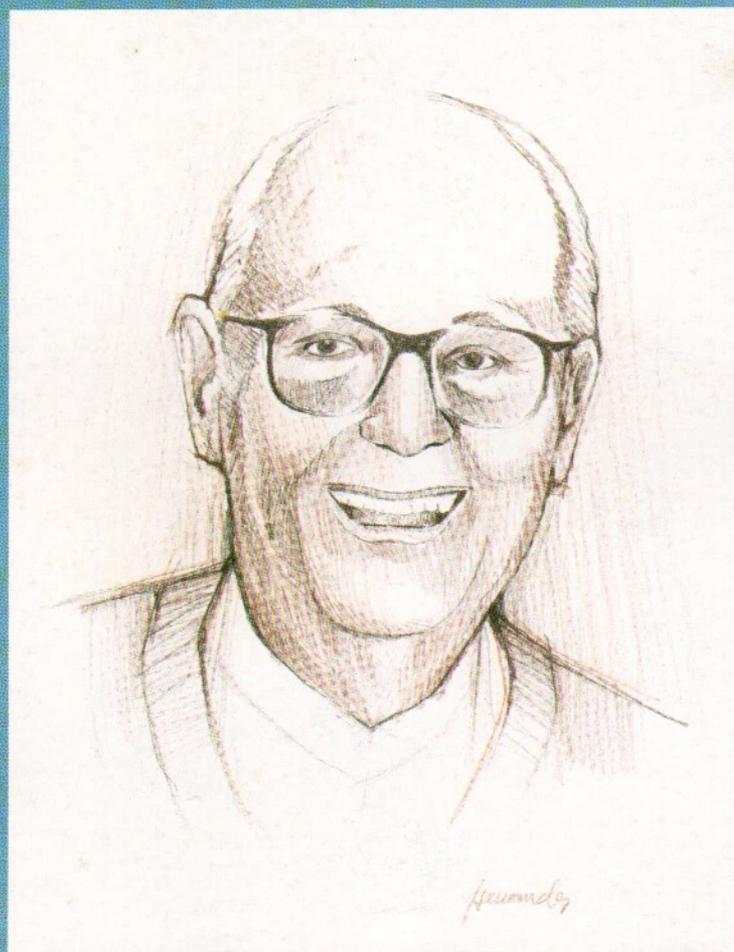


# PUC CIÊNCIA

Revista de divulgação científica da PUC-Rio - Nº7 - 1995



**ESPECIAL  
PADRE ÁVILA**

010

# PUC CIÊNCIA - ESPECIAL PADRE ÁVILA

Revista de divulgação científica da PUC-Rio Nº 7 Fevereiro 1995

Mensagem de Dom Eugenio Sales .....	3
Sessenta Anos de Sacerdócio..... Dom José Carlos de Lima Vaz	4
O Padre Ávila numa Visão Fraternal..... Pe. Laércio Dias de Moura, SJ e Pe. Ormino Viveiros de Castro, SJ	6
O Homem e a Obra..... Hélio Jaguaribe	8
Brasil: a Interpelação da Ética e o Movimento da Solidariedade .....	13
Pe. Fernando Bastos de Ávila, SJ	
O Professor..... Otávio Velho	18
Os Caminhos da Solidariedade e da Justiça..... Luiz Alberto Gómez de Souza	20
“Esta Terra é Minha Empresa”..... Luiz Carlos Mancini	26
Depoimento de um Socialista..... Leandro Konder	28
O Cruzado da Esperança..... Paulo Moura	30
Prêmio Padre Ávila de Fé e Cultura..... Roberto S. Bartholo Jr.	32
Ética e Transcendência..... Pe. Fernando Bastos de Ávila, SJ	33
Trajectoria de uma Vida Toda Dedicada a Servir..... José Luiz Peixoto	36
Do Provincial..... Pe. Francisco Iverri, SJ	40

# EDITORIAL

## EXPEDIENTE

PUC-Rio  
Pontificia  
Universidade Católica do  
Rio de Janeiro

### Reitor:

Pe. Laércio Dias de Moura, SJ.

**Vice-Reitor Acadêmico:**

Pe. Jesus Hortal Sanchez, SJ.

**Vice-Reitor Administrativo:**

Prof. Paulo Fiuza Bocater

**Vice-Reitor Comunitário:**

Prof. Augusto Sampaio

**Vice-Reitor de Desenvolvimento:**

Eng.º Nelson Janot Marinho

**Decano do CCBM:**

Prof. Francisco P. Amarante Neto

**Decano do CCS:**

Prof. Luiz Roberto A. Cunha

**Decano do CTC:**

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

**Decano do CTCH:**

Prof.ª Eneida do Rego Monteiro Bonfim

### PUC CIÊNCIA

#### Editores:

Prof. Fernando Ferreira

Prof. Miguel Pereira

#### Programação Visual e

#### Diagramação:

Prof. Luiz Carlos Cardoso

#### Ilustração da capa:

Pe. José Maria Fernandes, SJ.

#### Ilustrações:

Samra Jabbour

#### Secretária:

Rita de Cassia S. Luquini

#### Redação e Administração:

Rua Marquês de São Vicente, 225, s/401-K

CEP: 22453-900 - Gávea - RJ

Tels: 529-9287 e 529-9306

#### Composição e Produção Gráfica:

Papelaria e Gráfica Jardim América Ltda.

#### Fotolito de capa:

Colorfoto

#### Impressão:

Parque Rio

#### CENTRO LOYOLA

#### DE FÉ E CULTURA

Estrada da Gávea 1

CEP: 22451-260 - Gávea

Rio de Janeiro

Tel: (021) 294-2196

Fax: (021) 259-9060

#### Coordenadora:

Maria Clara L. Bingemer

#### Assessora:

Maria de Fátima M. Barbosa

#### Assistente Espiritual:

Pe. Paul Schweitzer, SJ

#### Comissão Coordenadora:

Paulo Fernando C. de Andrade

Roberto S. Bartholo Jr.

Nelson Janot Marinho

Luís Cesar Monnerat Tardin

Os sessenta anos de vida religiosa do padre Fernando Bastos de Ávila, SJ, celebrados no dia 10 de fevereiro de 1995, podem ser uma boa e propícia ocasião para a publicação deste número da revista PUC CIÊNCIA. A homenagem ao homem de fé e ao pioneiro do pensamento social cristão em nosso país, mais a gratidão da Universidade a um de seus pilares e colunas mestras, são razões de sobra para justificar o que aqui se apresenta.

Porém, como se isso não bastasse, há também o marco da criação de uma homenagem permanente a este grande jesuíta, pioneiro nos meios acadêmicos e universitários do país na arte de unir cultura e fé, justiça e caridade, cristianismo e política, ética e contemplação. Trata-se da concessão, por parte do Centro Loyola de Fé e Cultura, - centro de formação de leigos adstrito à Reitoria da PUC-Rio e inaugurado no dia 10 de março de 1994 - do primeiro Prêmio Padre Ávila de Fé e Cultura, outorgado ao próprio.

Na presente publicação, pessoas ligadas ao padre Ávila falam sobre ele. O padre Laércio Dias de Moura, SJ, Reitor da Universidade, e o padre Ormino Viveiros de Castro, SJ, ex-Reitor da PUC-Rio, nos fornecem o exemplo do testemunho e da fraternidade ao companheiro. Ao testemunho, o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom José Carlos de Lima Vaz, acrescenta comovida reflexão sobre os sessenta anos de vida religiosa de seu irmão de ordem.

O professor Hélio Jaguaribe, com quem o padre Ávila partilhou tantos momentos e situações de labuta intelectual e política, deixa transparecer toda a admiração e apreço pelo amigo de tantos anos.

O texto do professor Paulo Moura nos traz o testemunho de um leigo comprometido com a transformação da sociedade e que vê no padre Ávila um modelo e paradigma do sacerdote que não permanece alheio à realidade, mas faz dela parte integrante do seu ministério e serviço ao povo de Deus.

O professor Otávio Velho, aluno do padre Ávila em tempos idos da Sociologia da PUC, ainda em seus começos, traz o depoimento do intelectual de hoje que deixa transparecer o respeito e a veneração por seu antigo professor e sempre mestre.

Com emoção, o professor Leandro Konder, conhecido estudioso de Marx e do socialismo, narra um episódio de seu exílio, nos dias de repressão, quando lhe foi dado ler um artigo do padre Ávila que revelava a tolerância de um intelectual cristão e lhe abria as portas ao conhecimento ou aprofundamento de alguns autores cristãos fundamentais.

Luiz Alberto Gómez de Souza, em seu artigo, inventaria a participação do nosso homenageado em documentos da CNBB e convida a um repensar do solidarismo de que o padre Ávila foi o maior divulgador no país. Por sua vez, o sociólogo Luiz Carlos Mancini dá um depoimento intenso e pessoal sobre o sacerdote e amigo.

Duas admiráveis reflexões do padre Ávila sobre ética, transcendência e solidariedade enriquecem esta publicação à qual também comparece, com uma nota biográfica reveladora, o advogado José Luiz Peixoto, grande amigo do padre Ávila.

Finalmente, o pequeno texto do professor Roberto Bartholo dos Santos Jr., chegado recentemente à amizade do padre Ávila, descreve o alcance do prêmio e da homenagem, em linguagem poética e significativa.

Possa este número da revista PUC CIÊNCIA ser um grão a mais no rol de homenagens e celebrações que cercarão este aniversário do padre Fernando Bastos de Ávila. Um grão que deseja somar-se a esta e ser embrião de muitas outras homenagens que serão feitas e das quais o padre Ávila é mais do que merecedor. Possa seu exemplo e sua luta de toda uma vida dar alento e ardor àqueles e àquelas que hoje dedicam suas vidas a promover este inefável e sempre novo diálogo da fé com a cultura.

**Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Professora da PUC-Rio

Coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura



Arcebispo de São Sebastião  
do Rio de Janeiro  
Brasil

# MENSAGEM DE DOM EUGENIO SALES

**H**

á 60 anos atrás o jovem Fernando Bastos de Ávila ingressava na Companhia de Jesus e nela sempre viveu frutuosamente a sua vocação religiosa.

Hoje, entre outras atividades, trabalha coordenando a Pastoral da Cultura desta Arquidiocese do Rio de Janeiro. Sou testemunha do seu esforço, capacidade intelectual, integridade moral. Antes, muitos cargos exerceu e a muitos iluminou com sua inteligência. Os livros que publicou, revelam o nível de sua atuação especialmente no campo da Doutrina Social da Igreja.

Alegro-me com as celebrações dos seus sessenta anos de Vida Religiosa. Como amigo do homenageado e Pastor desta Arquidiocese, louvo a iniciativa de fazer brilhar, colocando-a sobre o candelabro, a luz desse servidor da Igreja, conforme a ordem do Evangelho: "...para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem o Pai, que está nos céus"(Mt 5,16). Associo-me jubilosamente às homenagens prestadas ao Padre Ávila no seu 60º aniversário de vocação religiosa.

*Eugenio Card Sales*

Cardeal D. Eugenio de Araujo Sales



Dom José Carlos de Lima Vaz S.J.  
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro

## SESSENTA ANOS DE SACERDÓCIO

**D**

ia 10 de fevereiro de 1935. Um jovem estudante dá seu nome à Companhia de Jesus e inicia, em Nova Friburgo, o Noviciado. Pouco mais de um mês e ele vai completar 17 anos. Portanto é

ainda um adolescente mas que já fez sua grande opção de vida: seguir a Jesus Cristo na sua Companhia!

Quem já passou por situação parecida, pode, com certa ousadia, tentar reconstituir o que teria acontecido no íntimo daquele jovem no momento em que passa por esta experiência de vida. Certamente está ele movido por uma grande alegria e generosidade, porque sem isso nenhum jovem consegue dar um passo assim. Também tem curiosidade do que será a vida que o espera e sente uma pontada no coração pela lembrança do que deixa para trás. Aquele jovem estudante, Fernando, tem uma sensibilidade muito viva. Os anos não irão diminuir esta marca que tanto lhe enriquece a pessoa. Ele repassa na memória do coração a figura doce e imensamente carinhosa da mãe Cinira, a presença vivaz e inteligente do pai, que na intimidade do lar chamava Zé Bastos, escondendo a figura nobre de um grande médico, a meiguice da irmãzinha Lígia. A ironia, o senso de humor que serão tão conhecidos no padre Ávila já se descobrem no sorriso das fotos da época. Esta visão crítica e

bem-humorada das pessoas e usos vão encontrar alimento farto na simplicidade das práticas do dia-a-dia do Noviciado. Fernando se entrega à direção espiritual de um sacerdote admirável no seu conhecimento do coração humano e na santidade de sua vida. Era o padre Roberto Bannwarth, o Mestre dos Novícios de então, e também o será nove anos depois quando eu entrei na Companhia de Jesus.

**S**

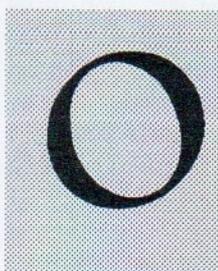
essenta anos são passados! Será que naquela noite de 10 de fevereiro de 1935 o jovem Fernando vislumbrava o que seria sua vida de jesuíta? Teria talvez imaginado o que seriam

seus anos de professor de Letras latinas e gregas para estudantes jesuítas, os estudos de Teologia em Roma sofrendo a penúria dos anos após-guerra, os cursos de Sociologia em Lovaina? Teria ele uma intuição dos anos ininterruptos de trabalho acadêmico e apostólico no Rio desde seu retorno ao Brasil no começo dos anos 50? Foram anos de intensa produção intelectual e cultural, primeiro na PUC, onde deixou sua marca, com a criação do Departamento de Sociologia, e depois no Ibrades, que ele fundou, consolidou e a que garantiu um prestígio que o faz respeitado nos mais diversos ambientes da Igreja no Brasil ou nos mais exigentes setores do mundo dos cientistas sociais e políticos. Foram anos

"O senso de humor e a ironia já se desenvolvem no sorriso das fotos da época"

que o conduziram a uma ligação muito estreita com a Arquidiocese do Rio onde ainda hoje coordena a Pastoral da Cultura, promove e ministra os cursos de Doutrina Social da Igreja e organiza no Sumaré os famosos encontros de diálogo entre líderes sociais e políticos e as lideranças populares.

Foram anos de uma vida sacerdotal e apostólica em que os trabalhos intensos no campo da cultura ou da pastoral social não lhe impediam de dar a assistência espiritual à Congregação Mariana Nossa Senhora das Vitórias e o acompanhamento pessoal a tantos que lhe confiam a direção nos caminhos da vida interior. Foi uma vida muito intensa, muito rica. Talvez ela se projetasse no horizonte dos sonhos do jovem Fernando, mas só aos poucos foi tendo os contornos definidos no decorrer desses 60 anos de vida consagrada a Jesus Cristo - a opção fundamental do noviço jesuíta da turma de 1935.



Os anos passaram e deixaram a marca indelével das experiências vividas no coração de Fernando. Sua sensibilidade se apurou no contato íntimo com a alegria e, sobretudo, com o sofrimento de tantos com que conviveu.

Seu coração já reclamou há tempos da carga excessiva de emoção com que os dramas da vida de tantas pessoas ecoam num mundo interior cuja delicadeza cresceu na mais autêntica escola de educação humanista e se sublinhou no seguimento do caminho espiritual de Inácio de Loyola.

Às vezes fico pensando na incrível fidelidade do padre Ávila, na altura dos seus 76 anos, ao trabalho religioso e cultural a que o encaminhou sua vida de jesuíta. Creio que às vezes ele deve pensar no doce e repousante cultivo de seu hobby de apicultor. Não sei se ele gostaria de passar a quietude no leito por-do-sol de uma vida tão intensa no

convívio com os clássicos latinos e gregos que lhe encantaram a juventude. Virgílio talvez lhe sussurre ao ouvido:

*"Hic tamen mecum poterat  
requiescere noctem*

*fronde super viridi; sunt nobis  
mitia poma,*

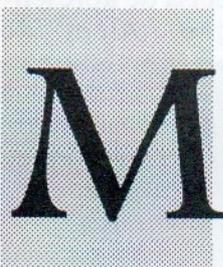
*castaneae molles et pressi copia  
lactis.*

*Et iam summa procul villarum  
culmina fumant,*

*maioresque cadunt altis de  
montibus umbrae.*

*(Podias muito bem descansar comigo, esta noite, a fronte sobre a relva!*

*Há maçãs doces, suaves castanhas e quantidade de queijo seco. E longe vão subindo o fumo das chaminés das aldeias e as grandes sombras começam a descer do alto dos montes)*



Mas o padre Ávila olha à sua volta. Vê a cidade trepidante, cheia de sofrimentos e esperanças. Sente-se ainda responsável por tantos que ele iniciou nas vias do espírito e a ele recorrem nas inevitáveis ansiedades e lutas do caminho. Sente, sobretudo, no silêncio da oração, o mesmo convite que ouviu, há sessenta anos, ao fazer os Exercícios Espirituais inicianos: "... quem quiser vir comigo deve trabalhar comigo para que, seguindo no trabalho, também me siga na glória". Foi um convite que encontrou uma resposta ardente de amor a Cristo no jovem Fernando e que ainda hoje está acesa no padre Ávila. E ele chama o velho amigo Virgílio, educadamente pede-lhe desculpas e se justifica com o que dele mesmo aprendera:

*"Omnia vincit Amor et nos cedamus Amori"*  
*(O Amor tudo vence e temos que nos submeter ao Amor).*

Eis o segredo destes 60 anos do jovem noviço Fernando, do nosso padre Ávila.

Eis o segredo destes 60 anos do jovem noviço Fernando, do nosso padre Ávila.

Eis o segredo destes 60 anos do jovem noviço Fernando, do nosso padre Ávila.

"Sente-se hoje  
ainda  
responsável por  
tantos que iniciou  
nas vias do  
espírito e que a  
ele ainda  
recorrem"



Pe. Laércio Dias de Moura, S.J.



Pe. Ormindo Viveiros de Castro, S.J.

"Quantos anos de estudos em Roma, combinando o sobrenatural da Teologia com as relíquias da Civilização Clássica"

# O PADRE ÁVILA NUMA VISÃO FRATERNA



O padre Ávila não precisa de apresentação. Além do mais, uma enumeração fria de seus títulos e currículo exaltariam talvez sua capacidade intelectual, a trajetória de sua vida; mas deixaria talvez de lado o que ele tem de mais valioso ainda que é sua maneira de ser, toda a sua pessoa, sua vocação religiosa e sua maneira de corresponder e colaborar com os planos de Deus.

Tentaremos, portanto, aqui enfeixar algumas lembranças e fatos que foram pontuando a vida do padre Ávila e que ao mesmo tempo, assim pensamos, vão desenhando os caminhos de Deus quando Ele quer aprimorar um jesuíta como o padre Ávila.

Seu pai, o Dr. José Bastos de Ávila, médico, professor universitário de retidão moral inexcusable, levou um ano inteiro para convencer-se da vocação do filho apenas entrado na adolescência e mais outro ano para dominar o sofrimento da separação. A mãe foi D. Cinyra Muniz Freire Bastos de Ávila, que tornou o ponto alto de sua vida o dia em que, compareceu em Roma, à ordenação do filho, cujos paramentos ela confeccionara com carinho e fé de mãe cristã. Após breve passagem pelo Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, o padre Ávila troca sua cidade natal por Friburgo onde permanece por cerca de

15 anos. Lá no tradicional Colégio Anchieta, o velho "Chateau" que motivou a "Oração aos moços" de Ruy Barbosa, padre Ávila foi crescendo em idade e sabedoria, com a formação de todo jesuíta: o ginásio, a ascética, as humanidades e a filosofia. Foi porém nos anos de magistério que transbordaram suas incursões pelo mundo das letras, fazendo dele mais tarde "o mais perfeito humanista que conheço", na expressão autorizada de um seu colega de anos de convivência. Mais quatro anos de estudos em Roma, combinando o sobrenatural da Teologia com as relíquias da civilização clássica, solidificaram no padre Ávila a visão cristã do humanismo, a grandeza das coisas pequenas, com a prioridade do direito sobre a força bruta e sobre as influências materiais do dinheiro e das armas. O ano de formação ascética em Florença contribuiu ainda mais para colocar os traços humanistas do padre Ávila ao serviço do futuro apostolado cristão.

Foi então aí que, quando tudo parecia apontar o futuro voltado para a pedagogia, por uma dessas deliberações não infreqüentes na vida religiosa, Pe. Ávila é destinado ao campo da Sociologia. E lá vêm mais três anos na Universidade de Louvain para doutorar-se em Ciências Sociais e Políticas.

Terminados, enfim, os anos formais de estudos, volta ao Rio para ser professor de Teologia, Sociologia e Doutrina Social da Igreja. O ano era 1954. Na PUC, especificamente, padre Ávila in-

tegrou, desde 1954, a comunidade dos jesuítas que trabalhavam na Universidade. Antes mesmo que a Universidade se trasladasse para o atual campus(1955), o padre Ávila, com seus companheiros, passou a morar em casas nele já existentes. Em 1954, ocupava, com dois companheiros, uma das casas da atual Vila dos Diretórios.

Em 1954 também criou o Instituto de Estudos Políticos e Sociais, entidade pioneira no seu gênero, em cujo seio foram ministrados cursos desde 1955, que evoluíram depois para a Escola de Sociologia e Política. Iniciados os cursos da Escola, em 1958, foram reconhecidos oficialmente em 1960. De 1962 a 1966 exerceu a função de Vice-Reitor da PUC-Rio.

De 1954 até hoje(são quarenta anos) as atividades do padre Ávila são multiformes: escreve livros, artigos, revistas, coordena e orienta movimentos e organismos sociais, dirige obras sociais; mais dezenas de outras tantas atividades impossíveis de enumerar e nem mesmo selecionar.

Entretanto numa sala de aula ou no altar, ao redigir ou a falar, ao orientar ou conversar, é sempre o mesmo padre Ávila: sacerdote, jesuíta, humanista, sociólogo que, pela simplicidade, naturalidade e humildade, desperta admiração, conquista pessoas e consolida amizades.

O padre Ávila, ao centro, tendo à direita Dom Helder Câmara, durante a missa pelas bodas de ouro dos seus pais, realizada no dia 5 de fevereiro de 1964. À esquerda, seu pai, o Dr. José Bastos de Ávila





Hélio Jaguaribe  
Instituto de Estudos  
Políticos e Sociais

# O HOMEM E A OBRA

A

bordar o homem e a obra, no caso do padre Fernando Bastos de Ávila, SJ, apresenta, ademais das dificuldades próprias a todo o intento biográfico, uma que é característica da avaliação de pessoas de extraordinária qualidade humana e resulta do ofuscamento que decorre dessa própria excelência. As qualidades humanas relacionadas com a generosidade, com um genuíno amor ao próximo, com uma efetiva e desinteressada dedicação ao bem dos outros, quando assumem proporções excepcionais, por constituírem, em tal nível, raríssimas exceções ao natural egocentrismo do homem, exercem um deslumbramento que obnubila outros atributos da mesma pessoa e de sua obra.

Uma abordagem, ainda que muito breve, da pessoa e da obra de Ávila, para evitar o risco de que o arrebatamento de sua excepcional *caritas* prejudique a apreciação de sua obra intelectual, de seu vigoroso *logos*, requer que se diferencie, desde o início, o homem e o sacerdote, por um lado, o professor e o consultor, por outro, e o pensador sócio-filosófico, como terceira dimensão dessa riquíssima personalidade.

## Homem e Sacerdote

Ávila nasceu no Rio de Janeiro, em 17 de março de 1918, no gostoso Botafogo daquele tempo. Seu pai, Dr. José Bastos de Ávila, era um médico de excelente reputação profissional e boa clínica. Sua mãe, dona Cinyra Muniz Freire Bastos de Ávila, era uma senhora de conhecida estirpe brasileira.

Ávila concluiu sua formação jesuítica em 1949 e seu doutoramento em Louvain, em 1953. Retornando ao Brasil, foi designado em 1954 professor de Sociologia da PUC do Rio de Janeiro e nela funda a Escola de Sociologia, Política e Economia, assumindo sua direção em 1968. Em 1958 funda a revista "Síntese Política, Econômica e Social" - SPES, que dirigiu até 1968.

Saindo da PUC, ingressa no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Econômico e Social - Ibrades, assumindo sua direção até 1986, passando, a seguir, a ser pesquisador desse Instituto. Em 1979 ingressa no Instituto de Estudos Políticos e Sociais - Iepes, sendo eleito diretor do mesmo, cargo que exerce até a data.

A reputação de alta *scholarship* e de profundo conhecedor da filosofia social da Igreja tornaram o sociólogo da PUC e, posteriormente, diretor do Ibrades, uma figura extremamente requisitada pelas autoridades eclesásticas do Brasil, da América Latina e de Roma. Em 1980 o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles, o designa Secretário de Cultura da

"Excepcional caritas e vigoroso logos aliam-se ao pensador sócio-filosófico para formar uma riquíssima personalidade"

Arquidiocese, função que continua exercendo e na qual, ademais de seus encargos específicos, presta um assessoramento, na área sócio-filosófica, ao próprio Cardeal. Em 1989 o Papa o nomeia membro da Comissão Pontificia de Justiça e Paz, com a qual já colaborava desde 1986, cabendo-lhe relevante responsabilidade na preparação de elementos para a Encíclica "Sollicitudo Rei Socialis". Ademais, é freqüentemente consultado pela Confederação dos Bispos Latino-Americanos. Sua obra sobre a filosofia da Igreja, a que se faz referência em tópico subsequente desta nota, reflete seu labor nesse campo.

"Coração franciscano em  
cabeça de jesuíta"

Concomitantemente, Ávila participa, ativamente, das atividades do Instituto de Estudos Políticos e Sociais - Iepes, de cuja Diretoria faz parte desde a fundação, em 1979. Esse Instituto vem se dedicando, no curso dos últimos quatorze anos, a um amplo estudo da problemática do desenvolvimento brasileiro, ademais de a temas na área das Relações Internacionais e a questões relacionadas com a condição do homem na sociedade tecnológica de massas. Dentro dessa faixa de estudos Ávila é um dos principais orientadores e participantes dos trabalhos do Instituto referentes à situação social do Brasil, contribuindo, igualmente, para o estudo de problemas internacionais e para a temática do homem na sociedade contemporânea. Em subsequente tópico desta nota indica-se a contribuição de Ávila para o livro *Brasil, Reforma ou Caos*.

A vida e a obra de Ávila manifestam, nitidamente, suas três

principais características: aguda lucidez, rigoroso sentido ético e transbordante generosidade. Esse trinômio é pouco comum. Homens de excepcional lucidez, como Kant, podem, como o próprio Kant, serem dotados do mais rigoroso sentido ético, sem desmesurada generosidade. Homens de extraordinária generosidade, como São Francisco, podem, como o próprio São Francisco, serem superexigentes consigo mesmos, sem excepcional lucidez. Entre muitas coisas que fazem de Ávila uma pessoa fora do comum avulta essa capacidade de reunir, em alto nível, lucidez, autodisciplina e generosidade.

Seu ambiente familiar e as circunstâncias sociais que o cercavam tenderiam, naturalmente, a encaminhar Ávila para uma carreira liberal. A vocação sacerdotal de Ávila, entretanto, resultou dessa combinação de exigente eticidade com inesgotável generosidade. Foi uma forma de institucionalizar, na própria vida, um severo rigor consigo mesmo com uma permanente dedicação ao Bem Absoluto, no serviço de Deus, o bem dos homens, na militância da caridade. Mas essa autodisciplina e essa dedicação ao bem se inseriam no âmbito de uma imperativa racionalidade. Não foi por acaso que ingressou na Companhia de Jesus. Esse coração de franciscano tem cabeça de jesuíta.

O grande impacto que Ávila, indeliberadamente, exerce sobre aqueles que com ele se relacionam, mesmo superficialmente, assim como seus inigualáveis dons para a amizade provêm da emanção de sua imensa generosidade, dentro de uma racionalidade bem estruturada e lúcida, num modo de ser e de agir tão desprendido quanto autodisciplinado.

A generosidade, em suas manifestações mais excepcionais e desprendidas, é calorosamente arrebatadora. Ninguém resiste ao apelo de São Francisco, nem o

próprio São Francisco. A combustão do amor, nas suas manifestações mais altas, é devastadora, para fora, e retroalimentadora, para dentro. É por isso que São Francisco foi possível.

A lucidez, em suas formas mais elaboradas, é uma fulguração da luz fria. Em suas mais altas manifestações, a capacidade de compreender produz, como a generosidade, um efeito retroalimentador: é tão elucidadora para fora quanto auto-elucidante para dentro. E é por ser auto-elucidante que ela é elucidativa. A excepcional lucidez categorial de Aristóteles, exercitada a partir de um entendimento pré-científico da realidade, foi de tal ordem que sua explicitação do mundo prevaleceu por quase dois mil anos.

"Uma generosidade dirigida  
por enorme lucidez"

No caso do padre Ávila, sua generosidade, tão inevitável como indeliberada, imediatamente conquista os que com ele se relacionam. Essa generosidade, entretanto, é dirigida por enorme lucidez. Ela não conduz apenas à prática do bem, ao estar contínua e desprendidamente a serviço dos outros. Ela é configurativa de projetos, construtora de modelos possíveis e desejáveis, de situações e mundos alternativos. Ela é política, no sentido que Platão dava à idéia de ação política, isto é, uma ação encaminhadora da sociedade para o Bem. Ela é confortadora e leniente, mas é mobilizadora para um melhor destino, individual e coletivamente. Esse coração franciscano com cabeça de jesuíta tinha, necessariamente, de vir a ser um sociólogo e um filósofo político.

## Professor e Consultor

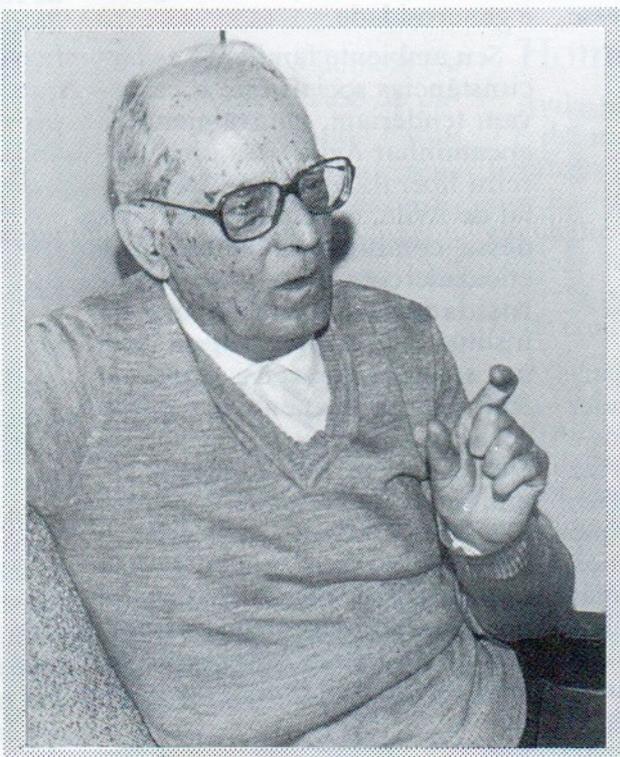
Formado em filosofia e teologia pela Universidade Gregoriana e doutorado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Louvain, Ávila, desde que concluiu sua formação eclesiástica, jesuítica e acadêmica, se dedicou ao magistério e cedo se tornou um importante consultor da Igreja. Como já mencionado, foi professor e diretor do Departamento de Sociologia da PUC do Rio de Janeiro, de 1954 a 1968. A revista que fundou e dirigiu, "Síntese", decaiu sensivelmente depois de sua gestão e teve sua publicação interrompida, para somente se recuperar em período recente, sob a competente direção do padre Henrique Vaz, um grande amigo de Ávila.

Como diretor e pesquisador do Ibrades, como consultor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como Secretário de Meios Culturais da Arquidiocese do Rio de Janeiro, como diretor e pesquisador do Iepes, como membro da comissão Afonso Arinos para um projeto de constituição e, freqüentemente, como consultor do Vaticano, Ávila se caracteriza pelo exercício de uma alta racionalidade, analiticamente rigorosa e estritamente apoiada em sólidas bases empíricas, inserida no contexto teológico e cultural da vertente católica do cristianismo e impulsionada por um profundo humanismo.

É certamente complexa a compatibilização entre a razão e a fé. O cristianismo, desde suas origens, apresenta uma polarização entre os que conferem total supremacia à fé, de Santo Agostinho a Kierkegaard, e os que sustentam a estrita compatibilidade entre a Revelação e a Razão Na-

tural, de Gregório de Nisa, de Santo Anselmo e Santo Tomás a Kant e a Teilhard de Chardin.

Ávila se situa na segunda corrente. Reconhece, desde logo, que determinados aspectos da fé cristã - como ocorre em todas as religiões - não são suscetíveis de justificação racional, constituindo um restrito núcleo de mistérios. A esse respeito aceita, com Santo Agostinho, o princípio do *credo ut intelligas*. O fundamento da visão cristã do mundo, entretanto, é para Ávila eminentemente racional. Essa compatibilização entre a mensa-



gem cristã e a razão, no entender de Ávila, é historicamente variável. Para um período cultural cuja compreensão racional do mundo era comandada pelas idéias de Aristóteles, a síntese de Santo Tomás foi a expressão dessa compatibilização. Para nossos dias, marcados por um entendimento evolutivo do mundo, a compatibilização entre a visão cristã e a ciência contemporânea é dada por Teilhard de Chardin.

Homem de sólida formação

clássica - reforçada por séria dedicação ao esquema loyolano da *ratio studiorum* - Ávila se situa entre aqueles que sustentam a continuidade, no cristianismo, do fundamental do pensamento grego e do legado ético da cultura judaica. O cristianismo, para ele, é uma síntese superior dessa dupla contribuição, iluminada pela mensagem redentora do Cristo. Essa mensagem do Cristo, por outro lado, ele a entende como sendo, ademais de salvacionista, um irrecusável apelo à solidariedade entre os homens. O que distingue o cristianismo das mais altas expressões do estoicismo clássico - com o qual apresenta tantas afinidades éticas - é o fato de que este é uma postura individualista, fundada no orgulho da liberdade racional, enquanto o cristianismo parte de uma visão igualitária e fraternizante dos homens, conduzindo à mais ampla e irrestrita solidariedade, fundada no amor do próximo e na humildade.

A natural decorrência dessas concepções, para Ávila, como sociólogo e filósofo político, foi o desenvolvimento de uma visão social-humanista do mundo e sua plena adesão à filosofia social da Igreja. São procedentes, em grande parte, as idéias do jovem Marx e sua crítica da alienação nas sociedades capitalistas. O materialismo histórico, todavia, é uma visão extremamente parcial dos processos que movem as sociedades. Há fatores ideais, além de fatores reais. A ética não é uma superestrutura da economia, mas condição necessária da conveniência humana. A desalienação não decorre da socialização dos meios de produção - como veio a comprová-lo a experiência soviética - mas da humanização das relações soci-

ais. É isto que foi compreendido pela Igreja, desde seu antigo compromisso com a idéia do bem comum e isto que foi sendo gradualmente explicitado pelas encíclicas papais, desde a "Rerum Novarum".

Como professor e consultor, Ávila tornou-se o mais competente e lúcido representante, no Brasil, da doutrina social da Igreja e certamente um de seus mais

"O mais lúcido  
representante da Doutrina  
Social da Igreja

eminentes doutores em todo o mundo. Passou a ser constantemente consultado sobre essa temática pela Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, pela Igreja Latino-Americana e pelas autoridades do Vaticano.

## Pensador e Escritor

Autor de numerosa obra, com quinze livros publicados e inúmeros ensaios, artigos e conferências, os trabalhos de Ávila se inscrevem em quatro grandes grupos: sociologia teórica, sociologia aplicada a problemas brasileiros, Sociologia histórica e estudos relacionados com o social-humanismo e a doutrina social da Igreja.

No campo da sociologia teórica, sua principal obra é a *Introdução à Sociologia*, ora em sétima edição, publicada no Rio de Janeiro pela Agir, a primeira edição em 1962. Trata-se de magnífica síntese introdutória da Sociologia, dentro de uma perspectiva webereana, que incorpora criticamente as melhores contribuições de Marx e lhes imprime um sentido social-humanista.

No campo da sociologia aplicada ao estudo de problemas brasileiros Ávila se interessou, inicialmente, pelos problemas da imigração. Três principais trabalhos transmitem os resultados de suas pesquisas: *Economic Impacts of Immigration - The Brazilian Immigration Problem*, Hague, Martinus Nijhoff, 1954; *L'Immigration au Brésil - Contribution Générale à une Théorie de l'Immigration*, Institut International Catholique de Recherches Socio-Eclesiales, Rio de Janeiro, Agir, 1956; *Immigration in Latin-America*, Washington, Pan American Union, 1964.

Mais recentemente, cresceu o interesse de Ávila pela problemática geral do subdesenvolvimento brasileiro e de seus aspectos sociais, tendo tido a seu cargo a elaboração do Capítulo V, "Políticas Sociais", do livro *Brasil, Reforma ou Caos*, de Hélio Jaguaribe e outros, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, ora em segunda edição.

No campo da sociologia histórica, Ávila deu uma contribuição decisiva para o conhecimento e a análise da atuação política do clero brasileiro, em quatro principais obras: *O Clero no Pensamento Brasileiro - Câmara dos Deputados*, Brasília, Centro de Documentação e Informação, 1978-1980, 5 vols.; *O Clero no Parlamentarismo Brasileiro - Senado do Império*, Brasília, Prodasen, 1982, 2 vols.; *O Clero no Parlamento Brasileiro - A Igreja e o Estado na Constituição de 1891*, Brasília, Senado Federal, 1985; *Igreja e Estado no Brasil - Perspectivas e Prospectivas*, São Paulo, Edições Loyola, 1987.

No campo dos estudos sobre a temática do social-humanismo e da filosofia ou doutrina social da Igreja é extremamente ampla a contribuição de Ávila, destacando-se seis principais obras: *Neo-*

*Capitalismo, Socialismo, Solidarismo*, Rio de Janeiro, Agir, 2ª ed., 1963; *Solidarismo*, Rio de Janeiro, Agir, 3ª ed., 1965; *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*, Rio de Janeiro, Campanha Nacional de Material de Ensino, 1ª ed. 1967, ora em 3ª edição, com mais de 500.000 exemplares vendido; *Pensamento Social Cristão antes de Marx*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1972; *Fé Cristã e Compromisso Social*, São Paulo, Edições Paulinas, 1ª ed. 1981, ora em 3ª edição; *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*, São Paulo, Ed. Loyola, 1991.

A obra de Ávila exprime as tendências e reflete as características precedentemente mencionadas. Seus trabalhos apresentam sempre sólida fundamentação empírica. Com base em fatos comprovados e estatísticas confiáveis, a análise sociológica e filosófica de Ávila se beneficia, em primeiro lugar, de sua ampla cultura histórico-filosófica e de sua profunda impregnação pelo pensa-

"Um sociólogo filosófico e  
um filósofo sociológico"

mento clássico, apoiado por seu pleno domínio do latim e apreciável conhecimento do grego. A isto há que agregar sua excelente formação sociológica, desenvolvida desde Louvain e que lhe proporciona o íntimo conhecimento das mais relevantes obras de sociologia das escolas francesa e alemã, anglo-saxônica e latino-americana. Sobre esse rico acervo de conhecimentos se ergue a construção intelectual do próprio Autor, marcada por sua aguda lucidez, por sua

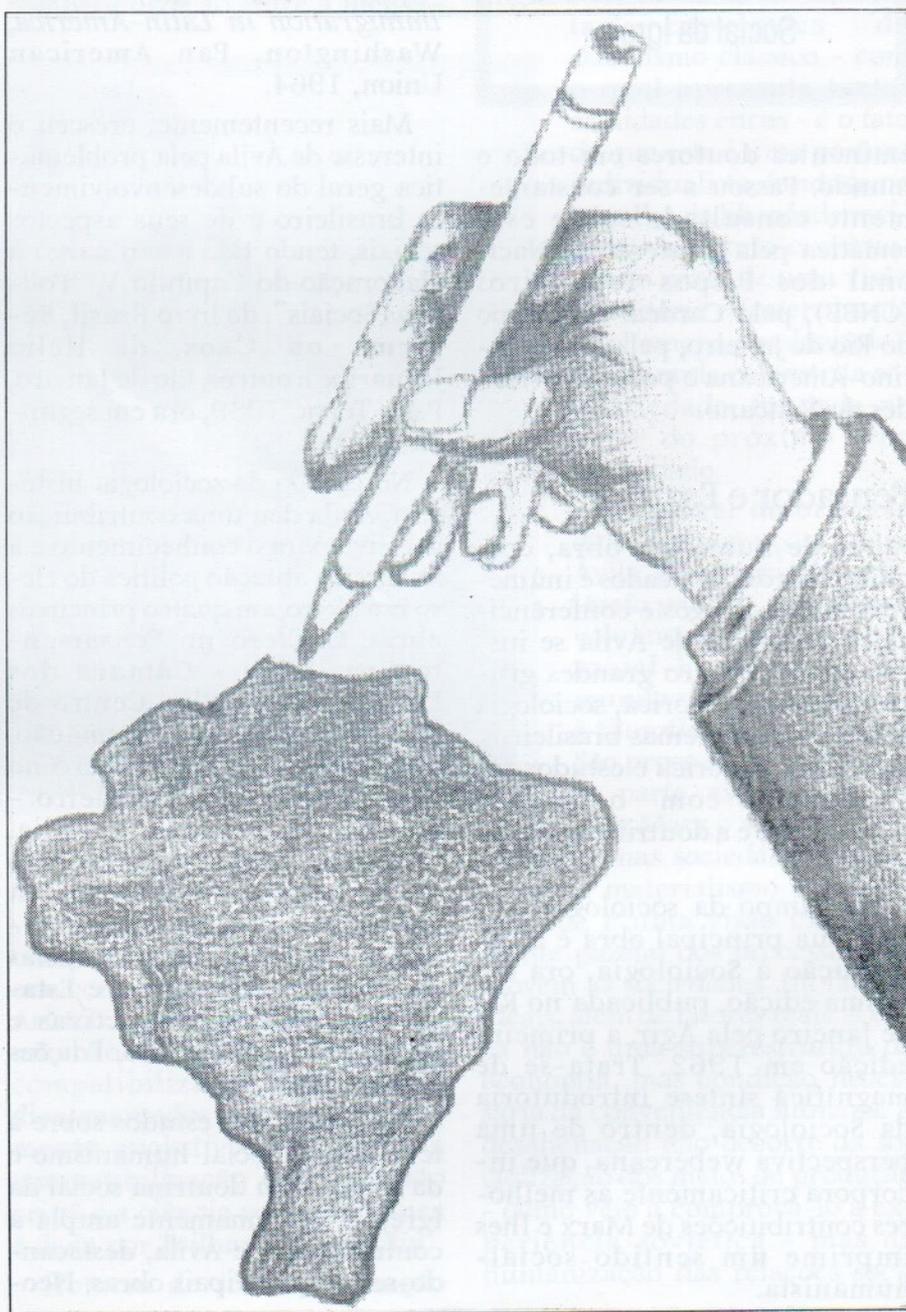
abertura a todas as dimensões e procedências da cultura e por sua perspectiva social-humanista.

A transbordante generosidade de Ávila, seu total desprendimento e sua genuína modéstia exercem um deslumbramento que leva, às vezes, a uma certa obnubilação da relevância de sua obra e, me permitiria salientar ainda mais, de sua significação como pensador. Como ocorre com uma grande linhagem de espíritos superiores, de Sócrates a Goethe, ou San Tiago Dantas, no Brasil, alguns, porque conversaram sem escrever, outros, porque não escreveram tudo o que conversaram, o Ávila dialogal, a meu ver, é tanto ou mais importante que o autor da obra precedentemente referida.

É privilégio de alguns amigos, entre os quais tenho a ventura de me incluir, entabular seguidas e longas conversações com Ávila, que continuam esperando seu Eckerman. Entre outras oportunidades, as reuniões de diretoria do Iepes, ademais de tratarem dos assuntos do Instituto, sempre abrem um bom espaço para tais conversações. Nessas conversações, todas as grandes questões da cultura e da história, do mundo contemporâneo e do Brasil, são por ele abordadas, com um conhecimento dos fatos e uma finura de análise só comparáveis ao generoso sentido construtivo de que se impregna tudo o que Ávila diz e faz.

Como o padre Henrique de Lima Vaz, esse hegeleano theilhardiano, seu grande amigo e freqüente interlocutor, Ávila é uma grande personalidade brasileira do mundo. O diálogo entre esses dois jesuítas e amigos, além de resultar

de uma fraternal amizade e de profundas identificações culturais, é também um processo de recíproco enriquecimento intelectual. O sociólogo filosófico aufere de Vaz importantes contribuições para a configuração de sua concepção de mundo, enquanto o filósofo sociológico recebe de Ávila importantes subsídios para seu entendimento da realidade social.



# BRASIL: A INTERPELAÇÃO DA ÉTICA E O MOVIMENTO DA SOLIDARIEDADE



Pe. Fernando Bastos de Ávila

“Advesperacit et inclinata jam dies”  
(Lc 24, 29)

**N**

ão encontro outra explicação para o honroso convite de abrir esta Semana Nacional de Fé e Cultura além de minha idade crepuscular: “o dia já declina”. Associando-me aos compa-

nheiros de jornada, “convites in via”, convidam-me para juntos partilharmos o pão da solidariedade, “in fractione panis”, em resposta à interpelação da ética ante os graves desafios à nossa fé pela séria conjuntura cultural que atravessamos.

Sinto-me, confesso com simplicidade, um tanto confundido, inaugurando modestamente uma Semana tão rica pela variedade dos enfoques que tratam do tema da ética enquanto mediação entre fé e cultura. Semana que conseguiu mobilizar uma plêiade de tão insignes colaboradores.

O próprio título da Conferência sugere as duas partes em que dividirei minha comunicação: a interpelação da ética, o momento da solidariedade.

## A interpelação da ética

Foi-me proposto o tema desta comunicação para ser focado dentro do cenário nacional: Brasil: a interpelação da ética e o momento da solidariedade.

Entretanto, não me parece possível tratar o tema neste enfoque, sem situá-lo no grande cenário mundial com po-

derosos impactos sobre o nosso cenário nacional.

No cenário mundial, dois aspectos são, a meu ver, mais impactantes sobre nosso tema.

**Primeiro aspecto:** Assiste-se ao desenvolvimento da elaboração de uma ética que busca explicitamente seus fundamentos, motivações e objetivos nos limites da imanência, prescindindo totalmente da Transcendência. É um movimento, no qual se integra, por exemplo, o New Age, que elimina a visão cristã de uma plenitude sem oca da felicidade eterna, como sentido final do comportamento ético. É o que leva, entre outros motivos, a se falar às vezes em modernidade, como inauguração de uma era pós-cristã. Diante deste processo, o que se chamou de ateísmo militante já se tornou obsoleto.

O desafio de uma ética fundada na proposta de uma felicidade imanente foi o tema central da Assembléia Geral da Congregação Pontifícia para o diálogo com os não-crentes, realizada em Roma em 1991 sob o tema “Foi Chrétienne et quête du bonheur”, em livro recentemente traduzido para o português e publicado pelo Instituto de Desenvolvimento Cultural de Porto Alegre sob o título *Felicidade e fé cristã* (Porto Alegre; Escola Gráfica Feplam, 1994).

A grande interpelação ética deste desafio de uma ética imanente e sua incompatibilidade com a visão ética cristã é brilhantemente explicada pelo padre Henrique C. de Lima Vaz, S.J.: “A proclamação da Boa-Nova como fonte

“Fala-se, às vezes, em modernidade como inauguração de uma era pós-cristã”

de felicidade tem pouca possibilidade de ser ouvida pelo homem moderno, a menos que ele não comece a por em discussão os pressupostos de uma felicidade puramente humana radicada numa forma fechada de imanência" (Foi chrétienne et Quête du Bonheur; Conselho

### O que caracteriza a crise atual é o fato de ela ser geral

Pontifício para os Não-crentes - Citta del Vaticano, 1991).

**Segundo aspecto:** Não podemos nos esquecer que a batalha pelos grandes valores éticos vem, na cultura moderna, se deslocando do campo das idéias para o campo das imagens. O anúncio na TV, de um spray desodorante, na privacidade da vida de um jovem casal, pode influir mais na opção de um adolescente sobre seu futuro de vida do que dias de recolhimento promovido pela pastoral vocacional. As imagens do desastre e do sepultamento de Ayrton Senna devem ter provocado maiores estímulos a nosso sentido de patriotismo cívico que muitos textos de Moral e Civismo.

Fixamos agora a atenção no cenário nacional, procurando responder à indagação: em que consiste para o Brasil, a interpelação da ética?

É de uma obviedade irritante a afirmação tão repetida de que o Brasil passa por uma crise. Ele já passou por muitas, afetando os diversos setores do sistema nacional: crises **políticas**, como o impeachment de um Presidente da República; crises **econômicas**, como a inflação recessiva de que sofremos já há tanto tempo; crises **culturais**, como a deficiência do sistema de ensino de todos os graus e o aumento do analfabetismo; enfim, crises **sociais**, com

a deterioração de todos os indicadores sociais. Voltaremos sobre este aspecto.

No passado, essas crises eram, ou pareciam ser, setoriais. O que caracteriza a crise atual é o fato de ela ser geral, no sentido de atingir simultaneamente todos os subsistemas acima referidos da realidade nacional.

É sobre este ponto precisamente que incide a interpelação da ética: uma crise que atinge simultaneamente todos os setores, deve ter uma causa comum: não será ela fundamentalmente uma crise ética? Esta é a interpelação.

É o que, em livro recente, Eduardo Giannetti da Fonseca chamou o paradoxo do brasileiro: "O paradoxo do brasileiro é o seguinte. Cada um de nós isoladamente tem o sentimento e a crença sincera de estar muito acima de tudo isso que aí está. Ninguém aceita, ninguém agüenta mais: nenhum de nós pactua com o mar de lama, o deboche e a vergonha da nossa vida pública e comunitária. O problema é que, ao mesmo tempo, o resultado final de todos nós juntos é precisamente tudo isso que aí está! A auto-imagem de cada uma das partes - a idéia que cada brasileiro gosta de nutrir de si mesmo - não bate com a realidade do todo melancólico e exasperador chamado Brasil.

"Aos seus próprios olhos, cada indivíduo é bom, progressista e até gostaria de poder "dar um jeito" no país. Mas enquanto clamamos pela justiça e eficiência, enquanto sonhamos, cada um em sua ilha, com um lugar no Primeiro Mundo, vamos tropeçando coletivamente, como sonâmbulos embriagados, rumo ao Haiti. Do jeito que a coisa vai, em breve a sociedade brasileira estará reduzida a apenas duas classes fundamentais: a dos que não comem e a dos que não dormem. O todo é menor que a soma das partes. O brasileiro é sempre o outro, não eu". (Vícios privados, benefícios públicos? São Paulo, Com-

panhia das Letras", 1993, pág.12).

Apesar da queda da taxa de nosso crescimento demográfico, crescimento sempre responsabilizado por nossas dificuldades econômico-sociais, a verdade é que todos os nossos indicadores sociais sofreram expressiva decadência. Não se trata de fazer aqui um levantamento sistemático de nossa situação, função de que vem se desempenhando o IBGE - , mas de apenas alertar para aspectos mais dramáticos.

A qualidade da vida no Brasil hoje é pior de que há 30 anos atrás, sem todos os subsistemas sociais, como na participação na renda - questão de justiça social, saúde, habitação, nutrição.

O desequilíbrio social aumentou: os 10% mais pobres têm 0,8% da renda nacional enquanto os 10% mais ricos têm 48,1%; os 50% mais pobres têm 12% da mesma renda e os 50% mais ricos, 88% (dados do IBGE, divulgados pelo "Jornal Brasil" de 11.03.1994).

Ante à gravidade do problema da alimentação e nutrição, criou-se um Instituto Nacional incumbido de enfrentar o problema, o Inan (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição), hoje desativado. O Brasil descobre

### Qualidade de vida pior do que há 30 anos

estarrecido a existência de mais de 30 milhões de famintos, ou seja, de pessoas que sofrem e morrem de fome, num país que, por suas riquezas naturais e suas potencialidades agrícolas, tem as condições de oferecer a todos os seus filhos ao menos uma pobreza digna.

Outras instituições foram criadas, outras políticas foram

adotadas para minorar outras carências. Foi fundado o Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos (Mobral). Hoje sabemos que não em termos absolu-

### Perigosa proximidade do limite tolerável

tos apenas, mas em termos relativos ao total da população adulta, nunca foi tão elevada a taxa de analfabetismo. Existe hoje o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), cuja finalidade precípua é financiar a construção de habitação popular. É difícil o cálculo exato das carências neste setor, mas todas as estimativas apontam para a necessidade da construção de ao menos 10 milhões de moradias, para de algum modo controlar o problema habitacional. No setor da saúde, todos temos informação da precariedade de nossa rede hospitalar e das imensas filas de pacientes esperando horas para serem atendidos. No setor do trabalho, é o ameaçador perigo do desemprego.

Depois que vimos as cenas de famílias pobres, inclusive as crianças, disputando dejetos de hospitais do Recife, e, mesmo em São Paulo, catando alimentos no lixão da Ceasa, não há mais ilusão possível: estamos nos aproximando rapidamente do limite tolerável por um mínimo de consciência ética.

Recentemente, o Ministro da Previdência Social, falava em 128 tipos de fraudes perpetrados contra o Ministério ("O Globo", 30.01.94). A revista "Isto É", noticiava, a 02.02.94, que a Proagro, criara um fundo destinado a ressarcir as perdas de safra, e que fora roubado, em mais 500 milhões de dólares, por fazendeiros sem o menor escrúpulo.

Temos agora a plena consciência do altíssimo custo do subdesenvolvimento moral, mero eufemismo para dizer falta de ética. Entre nós, a solécia dos patifes atingiu níveis altíssimos de sofisticação e de criatividade. Quase cada dia vem a público a descoberta de uma nova forma de roubo e de espoliação. Na conjuntura difícil que atravessamos de tentativa de estabilização monetária, entramos num processo perverso de causação circular cumulativa. Os preços sobem rapidamente, o capital especulativo não tolera sequer a desaceleração do crescimento da taxa de seus lucros; a máquina pública é azeitada com subornos e propinas; em torno de 60% dos bilhões

### O organismo nacional sofre de uma Aids ética

investidos em programas sociais são absorvidos pela burocracia incumbida de administrar esses mesmos programas (cfr. *Brasil, reforma ou caos*, Hélio Jaguaribe et alii, cap. V - Rio de Janeiro, Paz e terra, 2ª edição, 1989); o jogo sórdido de interesses nas licitações públicas; perdem-se bilhões em armazenagens caras de cereais que se deterioram e que poderiam saciar os famintos; gerasse assim a impressão de escassez que permite, por sua vez, o aumento dos preços, fechando assim o anel de causação circular cumulativa.

Diante deste quadro, surge inevitavelmente a indagação: será que as soluções técnicas, de caráter social, político ou econômico são insuficientes para romper aquele ciclo perverso? Que será que está faltando? É esta exatamente a interpelação ética. Ela consiste nisto: nenhum plano, nenhuma política poderão corri-

gir o rumo do desenvolvimento brasileiro enquanto não tivermos consciência do fato de que, sem ética, todos os planos e políticas serão ineficazes. Sem ética, sempre sairão ganhando os corruptos. Assistimos ao espetáculo da corrupção em grande escala: Paulo Cesar Farias; CPI do orçamento; o poder da coalisão de bicheiros e traficantes; políticos que, em ano eleitoral, colocam suas ambições partidárias acima do imperativo do bem comum.

Esta situação nacional não é o resultado de consciências fortuitas. É o resultado da deficiência moral.

No setor político, ela estimula as barganhas eleitoreiras, os fisiologismos e os conchavos; no setor econômico, dificulta o combate à inflação e a retomada do crescimento, porque há aqueles que lucram com ela. Com a implosão do socialismo no Leste Europeu, a única proposta é a de uma economia de mercado sob o signo de um neoliberalismo, que João Paulo II se recusa a aceitar como única alternativa (ver: *Centesimus Annus*, nº 42 ss); no setor cultural é o desregramento da mídia promovendo a pornografia e a violência, unicamente tomando como critério de seus programas os índices do Ibope.

Neste cenário, a interpelação radical em toda a sua abrangência é precisamente a interpelação da ética. O organismo nacional perdeu defesas imunológicas. Sofre de uma Aids ética.

Tenho a convicção de que a causa profunda desta situação reside numa perda do sentido do sagrado, da Transcendência. O sagrado transcendente, que tinha força como norma de cultura vai se tornando objeto de cultura, ou seja, de especulações eruditas.

Sem a referência ao sagrado e ao sagrado cristão, todas as reformas, mesmo as bem intencionadas, correm o risco de se

frustarem. Só na volta a esse Sagrado, o Brasil terá condições de responder com dignidade à interpelação ética com que hoje se defronta.

## O movimento da solidariedade

Também neste segundo tema desta comunicação, permito-me partir de um cenário histórico mais amplo, para, a seguir, fixar-me na temática da solidariedade como resposta à interpelação ética no cenário nacional.

Na tradição católica, quanto eu saiba, é o pensador jesuíta Heinrich Pesch que, já na 1ª edição de sua obra clássica, publicada em 1905, *Lehbuch der Nationalökonomie* (Tratado da Economia Nacional), elabora uma doutrina baseada no princípio da solidariedade real entre pessoa e comunidade nacional e de um sistema social, político e econômico intermediário, entre a descentralização atomizante do individualismo e a centralização monolítica do coletivismo. Um movimento solidarista surge na França, ao que parece sem relação com a tra-

Evitar o risco do apartheid universal

dição alemã, e Charles Bouglé publica, em 1924, o seu livro intitulado *Le solidarisme*.

Heinrich Pesch foi muito influenciado pelo filósofo alemão Franz Brentano (1883-1917), que, aliás teve, também, entre seus discípulos, Husserl.

A idéia da solidariedade exerceu certa influência no meio intelectual católico. Foi captada por um jovem seminarista de Brescia, Giovanni Battista Montini, que já em 1919, um ano antes de sua

ordenação, escrevia: "Eu creio na solidariedade, pela qual, eu, um humilde cidadão, assumo todos os meus deveres para com a pátria", (ver: Peter Hebblethwaite: *Paul VI, the first modern Pope*, 1993). Em várias oportunidades, na Secretaria de Estado do Vaticano e depois como Arcebispo de Milão, Montini volta à idéia da solidariedade, que viria a ser o tema central de sua grande encíclica social, *Populorum Progressio*: o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens só será possível mediante o desenvolvimento solidário da humanidade.

João Paulo II também acolhe a idéia de solidariedade e a tese de Paulo VI. Em 1987, promulga a encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* para comemorar os 20 anos da *Populorum Progressio*, dando ênfase ao apelo de seu predecessor. A solidariedade entre os povos, entre os diversos mundos, é a única saída para evitarmos o risco do apartheid universal: uma ilha de afluência imergindo num oceano de pobreza e miséria.

João Paulo II insiste na idéia de que a solidariedade deve penetrar em todas as comunidades nas quais o homem vive: a família, as comunidades local e regional, a nação, o continente, a humanidade inteira. Esta penetração da solidariedade deve fazer-se segundo o princípio da subsidiariedade que atribui a cada uma das instâncias mencionadas o seu justo grau de autonomia (ver: Carta de João Paulo II aos bispos italianos de 6 de janeiro de 1994 - "Osservatore Romano", 15.01.94).

Em escada de Brasil, o momento da solidariedade é o momento em que a consciência nacional começa a se dar conta da radicalidade das exigências da interpelação ética: ou nos salvamos solidariamente, inflectindo o rumo de nosso desenvolvimento, ou corremos o risco de caminhar para Biafra.

O conceito de solidariedade remete a uma condição concreta na qual uma pessoa tanto mais cresce em teor humano quanto mais ele investe seus esforços na promoção do outro. A condição paradigmática da solidariedade é certamente a família: ele, o esposo, tanto mais se realiza na sua identidade de homem quanto mais se empenha na promoção dela, na sua identidade feminina. Da mesma forma, ele tanto mais se realiza como mulher quanto

Relações solidárias e instâncias da totalidade social

mais empenha sua dedicação na promoção dele, como homem.

Creio que um dos aspectos da originalidade da doutrina social da Igreja é sua insistência em estender analogicamente as relações solidárias a todas as instâncias da totalidade social: solidariedade entre as gerações, solidariedade entre o capital e trabalho, entre governantes e governados, entre a grande variedade de instituições econômicas, sociais e políticas. O ideal solidário, nesta abrangência, não deixa de aparecer como sendo ainda uma remota utopia, o que não impede de constituir o centro de convergência de todos os nossos esforços.

Vivemos um processo histórico no qual podemos distinguir duas fases. A primeira foi dominada pela tese do conflito classista. A luta de classes, anunciada por Karl Marx, seria o único meio de eliminar a exploração capitalista do homem pelo homem, expressão, aliás, não de Marx, mas de um economista católico seu contemporâneo, em grande evidência na época, Philippe Joseph Bawnjamin Buchez, em seu livro de 1829

Projet d'organisation sociale et de colonisation. A luta de classes que devia ter a função decisiva na visão do materialismo dialético e do determinismo histórico de Marx não teve na realidade a extensão e amplitude

### Pórtico da civilização do amor

dele esperada. Depois da revolução soviética de outubro de 1917, nenhum processo revolucionário conducente ao socialismo passou pela luta de classes no sentido marxista, na opinião de Jean-Marie Domenech, sucessor de Emmanuel Mounier na direção da revista "Espirit". O conceito de luta de classes não se reduz entretanto ao conceito marxista de processo revolucionário. A luta de classes compreende também uma situação de fato existente em sociedades marcadas por uma profunda iniquidade social. A opressão exercida por minorias dominantes sobre a grande maioria dos desvalidos caracteriza na realidade uma luta entre aqueles que se empenham em preservar seus privilégios e aqueles que defendem o seu direito de sobrevivência. É este conflito classista que de fato vivemos no Brasil, mas que vem evoluindo para uma segunda fase conflictual, caracterizada pelo que podemos chamar de **conflito corporatista**. Neste, são as categorias profissionais ou corporações que lutam por preservar e ampliar seus interesses e privilégios, sem consideração para os seus possíveis efeitos perversos sobre o bem comum. Com a implosão do socialismo no Leste Europeu, a luta de classes perdeu seu rumo e se desintegrou em lutas corporativistas das quais em geral também são os pobres e des-

validos as maiores vítimas. A greve dos metroviários de São Paulo imobilizou centenas de milhares de operários impossibilitados de chegarem ao trabalho. A greve dos serviços de saúde deixou sem assistência milhares de pobres que não podem recorrer aos serviços de hospitais particulares. É indispensável lembrar os inúmeros e recentes exemplos.

A proposta solidarista significa precisamente que a resposta adequada à interpelação ética não passa pelos conflitos que já fizeram tantos sofrer tanto especialmente os mais fracos, mas passa pela solidariedade no sentido acima explicitado.

### Conclusão

Toda a história humana foi a história de uma incansável busca de liberdade e de justiça.

O homem quis ser mais livre das contingências naturais e das violências que o oprimiam. Mas a humanidade fez a trágica experiência de que a conquista da liberdade criou condições para a imposição de uma imensa iniquidade social. Refiro-me às conseqüências da Revolução Francesa, da Revolução Industrial e à questão social delas resultante.

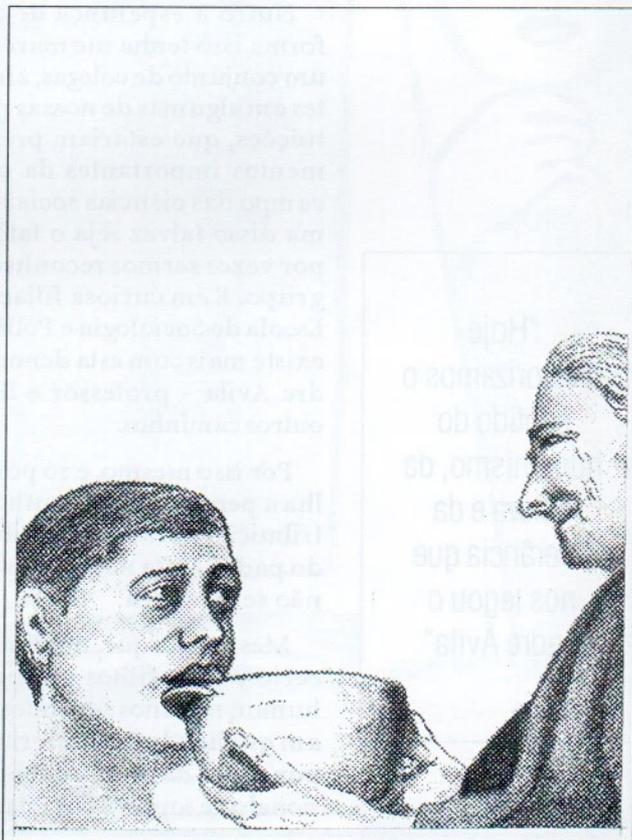
A frustração gerada por essa questão social alimentou uma ânsia de justiça expressa em condições de igualdade, que resultou numa imensa opressão da liberdade, especialmente da liberdade religiosa. Refiro-me à revolução soviética, ao comunismo internacional cuja implosão no Leste

Europeu estamos assistindo.

A ânsia da liberdade foi pretexto para a injustiça; a busca de justiça foi realizada pelo sacrifício da liberdade.

Vivemos o momento da solidariedade cujo sentido em resposta à interpelação ética é precisamente defender o atendimento às radicais exigências da justiça exatamente através do exercício responsável da liberdade; defender a liberdade para atender à justiça. Depois de tantas injustiças, tantos ódios, tantos sofrimentos, tantas guerras, torna-se cada vez mais claro que só a solidariedade poderá conciliar os grandes anseios da liberdade e da justiça. É a síntese do ensinamento social de Paulo VI (ver: Peter Hebblethwaite: Paul VI- the first modern Pope, 1993).

No fundo, o momento da solidariedade seria o da inauguração daquela sua luminosa visão, como o pórtico do novo milênio que se aproxima e que ele chamou a civilização do amor.





Otávio Velho,  
antropólogo

# O PROFESSOR

**E**

legância e humor. Foram essas as características que mais me chamaram a atenção de imediato no meu primeiro professor de Sociologia no já remoto ano de 1961. Elegância e humor que serviam de excelente veículo para sua inteligência e sensibilidade.

Nutro a esperança de que de alguma forma isso tenha me marcado - a mim e a um conjunto de colegas, ainda hoje atuantes em algumas de nossas principais instituições, que estariam presentes em momentos importantes da constituição do campo das ciências sociais no país. Sintoma disso talvez seja o fato de ainda hoje por vezes sermos reconhecidos como um grupo. E em curiosa filiação, posto que a Escola de Sociologia e Política da PUC não existe mais com esta denominação e o padre Ávila - professor e diretor - seguiu outros caminhos.

Por isso mesmo, e só por isso, talvez valha a pena este testemunho, pequena contribuição para que a lembrança do papel do padre Ávila nas nossas ciências sociais não se esvaneça.

Mesmo porque, nós também fomos, até certo ponto, filhos pródigos. Elegância e humor, nos anos seguintes, não se tornariam qualidades tão valorizadas. Em parte, por causa da onda de "seriedade" profissional que soprava dos Estados Unidos e que

nós também utilizávamos para tentar criar um mercado de trabalho; em parte por causa da polarização da situação política.

Não que o padre Ávila estivesse alheio a essas tendências. Sem seu apoio e abertura não teria sido possível o encaminhamento pioneiro de um sistema de créditos e a separação dos dois ramos - Sociologia e Economia - de que resta hoje o influente Departamento de Economia da PUC. Graças a ele e ao papel de Isaac Kerstenetsky, Francisco Falcón, Arthur H. Neiva e outros que Ávila reunira em torno de si. Como representante dos alunos no conselho técnico-administrativo da Escola fui testemunha disso.

Também não é estranha a sua presença no ambiente estimulante de debate intelectual e político que caracterizou a PUC no período.

Ainda assim, fomos filhos pródigos. E a volta à Casa (que fisicamente não existe mais) se deu lentamente e de uma forma talvez insuspeitada pelo próprio padre Ávila e após longo e por vezes penoso percurso.

Hoje, o pêndulo oscilou de novo. E muitos de nós nos vemos revalorizando junto a nossos próprios alunos o significado do humanismo, do pluralismo, da tolerância, da beleza e do valor da palavra, da emotividade que nos legou padre Ávila.

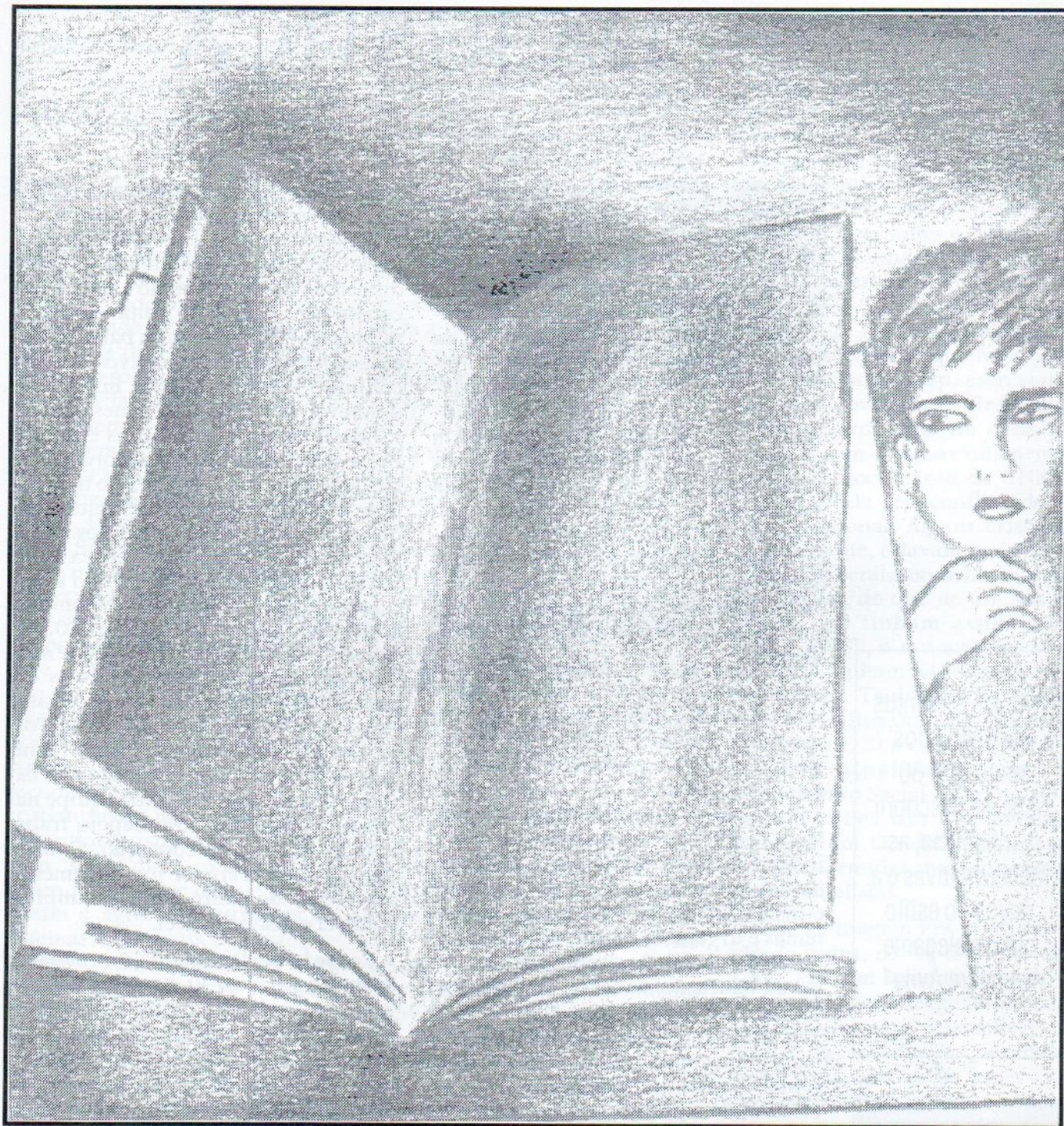
Torturado. Juntamente com a elegância e o humor, paradoxalmente a memória não me oculta também a lembrança insidiosa de um homem preocupado e, mesmo, solitário. Como aluno, jamais po-

"Hoje revalorizamos o sentido do humanismo, da beleza e da tolerância que nos legou o padre Ávila"

deria perceber todas as dimensões dessa questão. Apenas, certa frustração. Hoje, apenas suspeito. Sobre tudo aprecio mais que vida rica e complexa que tínhamos diante de nós, da qual só podíamos vislumbrar fragmentos. Fragmentos, no entanto, preciosos. Uma parte pequena, talvez, da sua biografia, mas que para nós se identifica com o começo de uma opção de vida.

A espiritualidade era um dos “aspectos” (na verdade, sopro vital) do padre Ávila que não era possível para nós apreciar na época em sua plenitude. Não só face à sua descrição, porém mais ainda dada a nossa cegueira, envolvidos como estávamos em apenas reduzir o que vinha dele segundo uma lógica estrita do que considerávamos as exigência

políticas do momento. Muitos anos depois - graças a alguns encontros propiciados pelo Centro João XXIII, a que sou imensamente grato - pude participar de momentos celebrativos inesquecíveis que de alguma forma completaram o sentido inacabado de uma relação. Disso gostaria de deixar o testemunho para os meus antigos colegas.





Luiz Alberto Gómez de Souza  
Centro João XXIII/Ibrades e Uerj

# OS CAMINHOS DA SOLIDARIEDADE E DA JUSTIÇA

**A**

s contribuições do padre Fernando Bastos de Ávila são inumeráveis e fecundas: influência decisiva nos pronunciamentos da CNBB, atuação notável na Universidade, na revista "Síntese", no Centro João XXIII-Ibrades, em incontáveis grupos de trabalho, na preparação da última Constituição, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, no Celam, etc. Neste texto apenas apontarei algumas atividades que segui mais de perto. E uma sobressai pela importância histórica: sua assessoria à CNBB e a tantos documentos dos bispos brasileiros.

Poucos episcopados, como o nosso, têm estado tão presentes na vida, anseios, esperanças e sofrimentos de seu povo. O objetivo pastoral é muito claro: a evangelização da sociedade. Mas a Boa Nova de Jesus não é uma palavra vaga, com bons propósitos gerais e indeterminados. Ela impacta na medida em que se enraíza no real, nas circunstâncias de tempo e lugar, onde os temas e urgências da vida exigem a iluminação da Fé. Os problemas concretos da educação, da terra, da democracia ou da ética vão desafiando a reflexão pastoral e abrindo caminho à profecia e à exemplaridade. E nestes quarenta anos de caminhada, a CNBB foi orientando a prática pastoral com uma

palavra oportuna e questionadora. Textos às vezes de elaboração custosa, resultado de compromissos entre diferentes tendências e sensibilidades, alguns difíceis de justificar, como a mensagem escrita logo depois do golpe de estado militar de 1964 mas, num balanço global, extremamente positivos em seu conjunto. Um dia, algum historiador descreverá em detalhes a gênese de tantos documentos e mensagens e indicará as mãos de diversos autores. Dom Hélder Câmara, desde 1952 ao final dos anos 60, esteve à frente das iniciativas, desenhando as linhas gerais dos textos, superando resistências com extrema habilidade, propondo e abrindo caminhos corajosos. Ao lado dele e continuando ainda depois, até os anos 80, podemos descobrir a influência determinante, as idéias criativas e a marca indelével do estilo claro e elegante do padre Fernando Bastos de Ávila. Posso dar meu testemunho pessoal, quando assessorava a CNBB, em sua fase carioca, seja no meu tempo de equipe nacional da JUC, seja logo depois, trabalhando na área da educação. Quando se tratava de preparar um documento, a presença do padre Ávila era imprescindível e insubstituível.

Recordo perfeitamente um momento muito preciso. Vi nascer a Mensagem da Comissão Central da CNBB de 30 de abril de 1963, sobre a situação brasileira e as chamadas reformas de base (1). Tempo de polarização ideológica, mobilizações urbanas e rurais, estava no ar uma tensão crescente que

"Nos documentos da CNBB dos anos 60 a 80 pode-se descobrir a influência, as idéias criativas e a marca do estilo claro e elegante do padre Ávila"

levaria, pouco menos de um ano depois, ao sinistro golpe de 1º de abril. Lembro com nitidez como o padre Ávila, no pátio do Cenáculo, na Rua Pereira da Silva, foi ditando a primeira versão, que permaneceria quase sem mudanças no documento final. As frases saíam fáceis, prontas, límpidas e incisivas: “Nossa ordem é, ainda, viciada pela pesada carga da tradição capitalista, que

### Necessidade de uma transformação decisiva e urgente

dominou o Ocidente nos séculos passados. É uma ordem de coisas na qual o poder econômico, o dinheiro, ainda detém a última instância das decisões econômicas, políticas e sociais... Ninguém pode supor que tal ordem de coisas seja uma ordem cristã. Para vir a ser tal, exigem-se profundas e sérias transformações, cuja concretização não pode mais ser adiada, sob pena de prepararmos para o Brasil dias calamitosos que talvez nos reservem a surpresa de subversões imprevisíveis dos valores democráticos e cristãos, que tão penosamente vimos construindo e preservando”. Texto que lido agora soa profético: poucos meses adiante os valores democráticos e cristãos seriam aniquilados em nome de uma pseudodefesa da democracia e do cristianismo. A mensagem dos bispos criticava os que queriam manter o “status quo”, os que propunham paliativos e os que procuravam a agitação destrutiva ou sistemas totalitários. O documento indicava a necessidade de “uma transformação decisiva e urgente, isto é, da passagem para uma outra estrutura social em que a pessoa recupere toda sua dimensão humana no uso da liberdade e dos recursos correspondentes a

um digno padrão de vida’ (Pacem in Terris)”. E ia enumerando, com a mão precisa do redator sociólogo, a questão rural, a reforma da empresa, a reforma tributária, a reforma administrativa, a reforma eleitoral e o problema educacional. Agenda de uma atualidade impressionante, trinta anos depois, ainda vigente nos debates sobre as transformações necessárias hoje, acrescida nos últimos anos pelos cada vez mais graves problemas de saúde e do meio ambiente. E as propostas, com a participação direta do padre Ávila, iam ao detalhe, sem chegar a receitas técnicas. Significativamente a imprensa, nos dias seguintes, de todo o documento, pinçou algumas frases que levantaram enormes polêmicas e provocaram editoriais indignados: “... a desapropriação por interesse social, não só não contraria em nada a Doutrina Social da Igreja, mas é uma das formas viáveis de realizar, na atual conjuntura brasileira, a função social da propriedade rural... Não cremos constituir um atentado contra o direito de propriedade uma indenização total ou parcialmente em dinheiro ou em títulos da dívida pública, dando-se a estes títulos as garantias de revalorização, de vencimento e de poder liberatório pelos quais constituem uma ade-

### Debate sobre a função social da propriedade

quada compensação pelos bens desapropriados”. É claro que os bispos lembravam logo a seguir que “não cabe, entretanto, a nós definir que fórmula poderá melhor corresponder às condições da realidade brasileira”. O protesto viria violento, em nome do “sagrado direito da propriedade”, pela simples possibilidade da indenização em títulos. Foi o que

imediatamente chamou a atenção dos que temiam ser lesados em seus muito concretos interesses econômicos. Estava no ar a necessidade de uma revisão constitucional que permitisse reformas mais expeditas, ao contrário da revisão de hoje, mais um freio a mudanças estruturais. Guardo, amarelecidos, recortes de jornais com o debate daqueles tempos. Dizia a coluna do Castello: “Bispos põem a UDN em discreta ebulição”. E explica no texto: “a UDN é, neste momento, uma panela de pressão com o apito entupido... a ebulição interna a coloca a ponto de explodir”. A UDN era um dos dois grandes partidos da manutenção da ordem e do sistema. Um deputado conservador chamou os bispos de ignorantes e “desatentos ao mal causado à democracia brasileira”, ao possibilitar, segundo ele, uma “abertura para a esquerda” (2). Já em 1960, dois bispos e dois leigos do que mais tarde se chamaria a tfp, escreviam um livro intitulado Reforma Agrária, problema de consciência, (3) em direção exatamente oposta ao documento da CNBB. Igreja cindida pelo conflito ideológico nacional. Alguns cristãos, curiosamente, estavam mais próximos do liberalismo de Locke, que detestavam, do que de um Santo Tomás que tinham assimilado mal. A CNBB, e seu assessor padre Ávila, tinham lido com cuidado a Suma Teológica na parte referente à função social da propriedade (II, 2) e estavam perfeitamente atualizados com o Ensino Social da Igreja (4). Poucas vezes um documento episcopal foi tão detalhado, sem cair nas fórmulas pré-fabricadas dos especialistas.

Essa mensagem era continuação de outra, de 14 de julho de 1962, em tom bastante dramático, onde creio detectar o mesmo estilo: “Ninguém desconhece o clamor das massas que, martirizadas, pelo espectro da fome, vão chegando, aqui e acolá, às raias

do desespero... Agora, seja pelo agravamento das sucessivas crises econômicas e sociais, que têm abalado o país, seja pela facilidade das comunicações e da divulgação das idéias e dos acontecimentos, seja pela crescente organização das classes, o povo da cidade e dos campos começa, não apenas a tomar conhecimento das verdadeiras causas desses males, como, sobretudo, a compreender que, sem a participação na vida das instituições e da própria sociedade, jamais será libertado do estado de ignomínia em que se encontra... Em nenhuma época de nossa história, em nenhum lugar onde se erguem uma catedral ou uma simples ermida, deixou de ecoar a palavra 'misereor super turbam' ('Tenho compaixão deste povo', Mt. XV, 32)". E o documento dizia que "o comunismo ateu explora ativamente a situação, enquanto o capitalismo liberal, não menos ateu, se beneficia da agitação comunista" (5). É claro que a responsabilidade direta do texto era dos seus signatários, mas não deixa de ser curioso reler os nomes ao pé dos dois documentos, considerando a diversidade de suas posições e

### Clamor das massas martirizadas

também outros pronunciamentos e atitudes individuais que tomaram naqueles momentos e principalmente logo depois do golpe: Dom Jaime Câmara, do Rio de Janeiro, Dom Carlos Carmelo Motta, de São Paulo, Dom Augusto Silva, da Bahia, Dom José Delgado, de São Luís, Dom Vicente Scherer, de Porto Alegre e Dom Fernando Gomes, de Goiânia. Custa crer que alguns deles assinaram declarações tão contundentes. Nosso historiador do futuro terá dificuldade para

### Posições coerentes com o ensinamento social da Igreja

reconstituir o clima dos encontros onde se aprovavam os documentos, resistências e indecisões que ficavam latentes e a laboriosa e frágil criação de consensos. Não era nada negligenciável então o prestígio pessoal e a legitimidade de certas personalidades e de alguns assessores e técnicos presentes, entre os quais, em posição de relevo, estava padre Ávila. E ele não ficava na posição simples de um redator que apenas seguia instruções, mas tratava-se de alguém que sugeria, tomava iniciativas e avaliava posições coerentes com um Ensino Social que conhece nos detalhes.

Aliás, muitas das idéias contidas nos documentos da CNBB, se encontram em livros e artigos do padre Ávila daqueles anos e nos exemplares da revista que criara em 1959, "Síntese Política Econômica Social", órgão oficial do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da PUC do Rio de Janeiro. Em cada número, uma precisa análise de conjuntura trabalhava os três níveis indicados no título. No conceito-chave de síntese está muito presente a postura intelectual e a preocupação de seu diretor: dizer as coisas de maneira direta, precisa e condensada, com elegância, mas sem rodeios desnecessários (6).

Outros poderão descrever com detalhes a importância do Instituto acima referido e da Escola de Sociologia e Política da PUC que padre Ávila dirigiu. Acompanhei de longe, voltando do exterior, as atividades de excelência desse centro que, junto a outros de São Paulo, foi pioneiro nas ciências sociais brasileiras. Toda uma geração de jovens universitários passaram por ali, futuros sociólogos,

políticos e antropólogos, que hoje ocupam posição de destaque nas universidades, centros de pesquisa, cargos políticos e administrativos. Deveram sua formação ao trabalho do padre Ávila e de Ozanam de Andrade, entre muitos outros mestres do corpo docente. Participei mais adiante do Departamento de Ciências Sociais que sucedeu à Escola. Presenciei com tristeza suas crises, demissões de professores, lutas internas, administrações pouco felizes. Foi-se perdendo um precioso patrimônio acumulado. Há atualmente um esforço significativo para reerguer o Departamento e repô-lo no nível de sua tradição passada. Retomá-lo como espaço sério de docência e de pesquisa poderia ser, aliás, uma maneira de homenagear seu fundador.

No final dos anos 50 e inícios dos anos 60, minha geração da Juventude Universitária Católica, e, logo depois, de ex-jucistas, foi descobrindo, graças a Emmanuel Mounier e Teilhard de Chardin, os caminhos de um socialismo democrático. Giovanni Semeraro acaba de mostrá-lo em seu recente livro *A primavera dos anos sessenta. A geração de Betinho* (7). Um jesuíta, amigo dileto do padre Ávila, Henrique Carlos de Lima Vaz, se-

### Caminhos de um socialismo democrático

ria mestre e inspirador dessa corrente de cristãos que surgia. O manifesto do Diretório Central de Estudantes da PUC, em 1960, expressaria bem as linhas centrais desse itinerário (8). A influência direta do padre Ávila chegava então mais perto de outra corrente, o movimento



solidarista universitário, visto por minha geração com certa desconfiança, suspeito por nós de terceirismo, ou capitalismo disfardado. Na política estudantil de então, as posições se distanciavam, com recíprocas

### Busca comum de novos horizontes

radicalizações. Lidos hoje, os textos do padre Ávila sobre o solidarismo, fora das paixões do momento, aparecem muito mais críticos do sistema capitalista liberal do que se podia pensar na ocasião e inclusive distantes das práticas concretas de alguns que se julgavam seus seguidores (9). Uma coisa são as intuições dos pensadores, outra sua redução, nos movimentos históricos, em ideologias geralmente simplificadoras. E isso vale, inclusive, para diferentes posições sócio-políticas, incluídas as de minha geração. Charles Péguy dizia, segundo Mounier, que “uma política é sempre uma decomposição de uma mística” (10). Sem chegar a essa visão amarga, podemos talvez aceitar que toda proposta política corre o risco de encolher numa ideologia redutora e cair em práticas contraditórias. Nosso socialismo democrático de então, presente no documento-base da Ação Popular de 1963, com raízes libertárias (11), seria violentamente desafiado logo depois pela rigidez autoritária dos socialismos reais em voga. Minha geração, em sua prática dos anos seguintes, nem sempre conseguiu superar a tentação dessas miragens enlouquecidas e pervertidas, por açodamento de eficiência moderna, vítima de um efeito de demonstração equivocado, de inseguranças teóricas ou existenciais, de ingenuidades ou mesmo de um

inconsciente autoritário. Alguns dos solidaristas daqueles tempos, por outro lado, escorregaram em compromissos maiores ou menores com o regime que se instalava pelos vinte anos seguintes. Deslizes autoritários em uma ou outra ponta, nem sempre fáceis de justificar. Os que conseguiram superar esses momentos ou revisaram a tempo posições ambíguas, exorcizando nomenclaturas ou casernas, podem reencontrar-se hoje na busca comum de novos horizontes, onde estarão presentes as idéias mais libertárias do socialismo e as raízes éticas tão fecundas do solidarismo. E para além das polêmicas simplificadoras dos anos 60, redescobrimos a contribuição aberta e criativa do padre Ávila, na sua cuidadosa e com-

### Presença criadora na vida social e política

petente leitura do Ensino Social da Igreja (12). Aliás ele, por modéstia, ao fazer a história do pensamento solidarista, não indica sua própria elaboração teórica, extremamente original.

Deixando a Universidade, padre Ávila participou da criação do Ibrades e do Centro João XXIII. Através do Ibrades intensificaria ainda mais seu trabalho de assessoria à CNBB. Por ocasião das assembleias anuais, suas análises da realidade social foram momentos decisivos das reuniões e delas saíram sugestões acolhidas nos documentos da entidade (13). Trabalhei com ele desde 1977, no Centro João XXIII, e pude acompanhar de perto sua inestimável contribuição em cursos, seminários, mesas-redondas e debates, assessorias em nível nacional e latino-americano, através do Celam. Poucos sabem tirar como

ele as conseqüências férteis do Ensino Social da Igreja, para uma presença criadora dos cristãos na vida social e política (14).

Ainda recentemente, participamos juntos de um painel que revivia, 30 anos depois, o golpe de 64. Presenciei feliz a bravura de seu testemunho e a maneira firme com que respondeu a um militar que pretextava desconhecer arbitrariedades e a prática da tortura do regime autoritário, indicando ao mesmo que ninguém pode eximir-se da responsabilidade advinda dos desmandos de seus subordinados. Valente e sem meias palavras, padre Ávila não cessa de indicar, “oportuna e inoportunamente”, os caminhos da justiça social e do Evangelho.

Vejo-o declarar, algumas vezes, que já está se aposentando, saindo assim de uma presença ativa no cenário público e eclesial. Isso me faz lembrar uma carta que recebi de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), poucos dias antes do golpe de 64. Ali dizia: “estou em tempo de aposentadoria”, ao chegar aos 70 anos. Mal sabia ele que, nos anos seguintes, em tempos difíceis, permaneceria na linha de frente, por mais duas décadas, proclamando os direitos inalienáveis da pessoa humana. Ninguém mais ativo nem mais valente do que nosso querido Dr. Alceu em todo esse período. Ali seguia, aproximando-se dos noventa anos, vigilante e profeta, renovando-se sem cessar (15). Não aceitamos, pois, o recuo do padre Ávila para uma retaguarda aparentemente mais discreta. Precisamos muito de sua voz, firme e eloqüente, proclamando a fé em Jesus Cristo, a esperança na construção do Reino de Deus e na construção de uma sociedade de justiça, fraternidade e solidariedade.

## Notas

(1) Mensagem da Comissão Central da CNBB de 30 de abril de 1963, texto mimeografado, Rio de Janeiro, CNBB, 1963, reproduzida na imprensa dos dias seguintes.

(2) Ver, por exemplo, "Coluna do Castello", **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1963, página 4; **Última Hora**, Rio de Janeiro, 4 de maio de 1963, pg. 4 ("'Gorila' João Mendes critica os bispos: 'são ignorantes!'"); **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, "Editorial", 5

de maio de 1963, pg. 4; **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1963, pg. 7.

(3) Ver Charles Antoine, **L'intégrisme brésilien**, Paris, Centre Lebreton, 1973.

(4) Fernando Bastos de Ávila, "Igreja e propriedade: fundamentação doutrinal", in **A Igreja e a propriedade da terra no Brasil**, São Paulo, Loyola, 1980, pp. 57-68.

(5) Mensagem da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do

**Brasil**, 14 de julho de 1962, texto impresso avulso, Rio de Janeiro, CNBB, 1962.

(6) Ver, por exemplo, **Síntese Política Econômica Social**, nº 3, julho-setembro 1959, com artigos sobre reforma agrária, nacionalizações, mercado de trabalho, marxismo e filosofia (Pe. Henrique C. de Lima Vaz), ao lado de outro de Gustavo Corção sobre a instabilidade da família e de Milton Campos sobre a constituição. Revista pluralista e atualizada.

(7) Giovanni Semeraro, **A primavera dos anos sessenta. A geração de Betinho**, Coleção "Estudos Brasileiros" nº 3, São Paulo, Loyola-Centro João XXIII, 1994.

(8) Ver Herbert José de Souza e L.A. Gómez de Souza (editores), **Cristianismo Hoje**, Rio de Janeiro, Edições Universitárias, 1963, pp. 89-98.

(9) Ver Fernando Bastos de Ávila, **Neo-capitalismo, socialismo, solidarismo**, Rio de Janeiro, Agir, 1963.

(10) E. Mounier, "La pensée de Charles Péguy", in **Oeuvres de Mounier**, vol. I, Paris, Seuil, 1961, pg. 71-83.

(11) Ver texto em Luiz Gonzaga de Souza Lima, **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil, hipóteses para uma interpretação**, Petrópolis, Vozes, 1979. Essa orientação, do documento-base, seria abandonada pela AP, depois de 1964, no período da clandestinidade, quando se transformaria em mais um partido de esquerda radical ortodoxa sem originalidade, até dissolver-se na corrente maoísta.

(12) Fernando Bastos de Ávila, **Pequena enciclopédia da doutrina social da Igreja**, São Paulo, Loyola, 1991; idem, "Aspectos do diálogo entre Teologia da Libertação e Doutrina Social da Igreja do ponto de vista da Doutrina Social da Igreja", in F. Ivern e M.C.L. Bingemer, **Doutrina Social da Igreja e Teologia da Libertação**, Seminários Especiais Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1994, pp. 131-136. Um livro do autor, atualmente esgotado, mereceria nova edição: **O pensamento social dos cristãos antes de Marx: textos e comentários**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

(13) Suas palestras na CNBB de 1981 a 1986 estão em seu livro **Igreja e estado no Brasil, perspectivas e prospectivas**, São Paulo, Loyola, 1987.

(14) Ver Pierre Bigo e Fernando Bastos de Ávila, **Fé cristã e compromisso social: elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da doutrina social da Igreja**, São Paulo, CNBB - Ed. Paulinas, 1982.

(15) L.A. Gómez de Souza, "Amoroso Lima na permanente preparação da *Ídade Nova* (Reflexões a partir de uma carta sua de 1964)", in **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, vol. 43, fascículo 172, dezembro de 1983, pp. 707-713.





**Luís Carlos Mancini,** sociólogo, membro da entidade mantenedora da Puc-Rio

# "ESTA TERRA É MINHA EMPRESA"

Falar sobre o padre Ávila é encargo fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque ele é uma unanimidade, correndo-se, entretanto, o risco da excessiva adjetivação. Difícil, por sua pluridimensionalidade sacerdotal, intelectual e humana. Nela se inclui incrível versatilidade, que vai da apicultura ao gosto pelo bom futebol.

Sua importância como uma das mais celebradas expressões culturais da Igreja e do Brasil, é incontestável, coroando-se em 1992 com o convite papal para integrar seu Conselho de Cultura.

Ele poderia acomodar-se aos *páramos* da especulação filosófica ou literária, pelo puro prazer da busca infundável do saber. Mas Deus lhe destinara outros caminhos, mordido como foi, desde cedo, pela fome de justiça social e interesse pelo ser humano. Logo partiu para a ação que se desdobrou por múltiplas áreas. Entre outras, a PUC, onde durante anos entusiasmou os alunos de sociologia fundou e dirigiu a revista "Síntese", assessorou a CNBB, onde foi responsável pela análise política e econômico-social da conjuntura brasileira, e criou o Ibrades, cujo papel no debate social e na formação de lideranças é relevante e onde, por isso mesmo, enfrentou a ira da ignorância arrogante da polícia política no período autoritário. Além disso sempre atuou dinamicamente no Conselho da Confederação do Comércio, ajudando seus membros a desvendar o lado oculto do desenvolvimento; na Arquidiocese do Rio de Janeiro, colaborando com suas atividades culturais e coordenando os numerosos encontros por ela promovidos, reunindo líde-

res dos mais diversos segmentos, do estado e da cidade do Rio de Janeiro.

Nossa constituição de 1988 seria certamente bem melhor e mais facilmente formulada se a Assembléia Constituinte tivesse partido do projeto elaborado pela Comissão Afonso Arinos, cuja vice-presidência e coordenação dos trabalhos coube ao padre Ávila. Nesse trabalho, por largo, participaram eminentes juristas do país, que se viram frustrados e decepcionados com a irresponsabilidade criminosa do governo de então, engavetando-o cnicamente, pelo temor de que os congressistas se inclinassem pelo sistema parlamentarista ali sugerido. Dessa face do padre Ávila - tão rica de contribuições - outros falarão.

Neste breve testemunho quero ressaltar seu papel relevante na difusão da Doutrina Social Cristã no Brasil. São incontáveis os cursos, congressos, seminários etc de que participou, em todo o país, trazendo sempre contribuição brilhante, original e abrangente sobre o ensinamento da Igreja e a realidade brasileira.

O livro que escreveu em parceria com o padre Bigot, **Fé e Compromisso Social**, é marco significativo nesse campo. Sua **Pequena Enciclopédia da Doutrina Social da Igreja** é obra de fôlego, que muito ajudou a aclarar conceitos e a orientar os que militam na ação social. Não caberia aqui listar outros livros, conferências, artigos etc de sua lavra.

Da Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas ele é patrono, inspirador, principal mentor. Durante anos, acompanhou-a

"A Constituição de 88 teria sido melhor se adotado o projeto da Comissão Afonso Arinos cuja coordenação coube ao padre Ávila"

de perto, sacrificando, inclusive, muitas de suas tardes de sábado, na rua Bambina, para troca de idéias e reflexão com seus dirigentes.

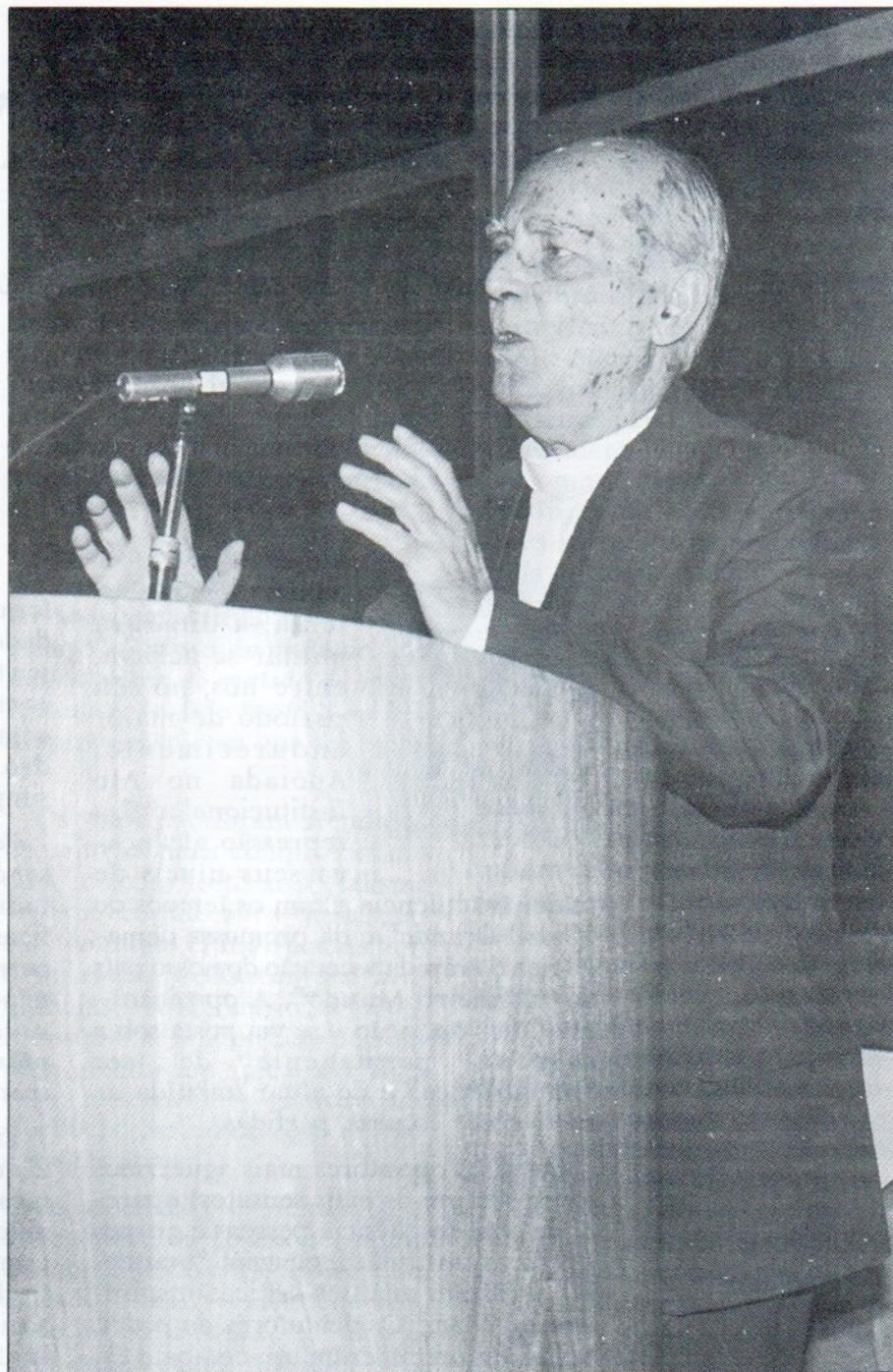
Em acurada análise que escreveu sobre a questão do trabalho à luz da encíclica "*Laborem Exercens*", de João Paulo II, padre Ávila vai ao fundo do problema, quando observa que "o homem moderno se deixou empolgar por um projeto cultural sem transcendência. Tal projeto pretende garantir a realização do homem, prescindindo, no liberalismo capitalista, de sua dimensão transcendente, ou negando-a, no coletivismo marxista. Pretende ainda garantir a ordenação da sociedade, igualmente prescindindo da destinação escatológica da história, ou simplesmente negando-a."

Por trás e no fundo desse padre Ávila de tão alto porte intelectual e presença lúcida e ativa nos problemas de nosso tempo, acha-se o homem de Deus, o sacerdote exemplar de retiros memoráveis e coração sensível. Ele é o irmão, o companheiro igual, o amigo de todas as horas, aquele que, de há muito, sacralisa nossas reuniões familiares, que vive, sofre e se alegra com o cotidiano de cada um.

Sua enorme cultura não afasta nem humilha ninguém. É, ao contrário, mel para os jovens, os intelectuais e os simples, que encontram nele a palavra certa e o acolhimento fraterno de quem serve a água da vida.

Nesse irmão em Cristo, iluminado pelo Espírito Santo, nunca se apagou a luz da fé, apesar das adversidades naturais de quem vive e reflete os problemas dos outros.

Ele é uma presença apostólica que cumpre fielmente o mandamento jesuítico de "em tudo amar e servir". Poucos terão atendido tão bem à conclamação de Paulo VI à Companhia de Jesus, para "enfrentar a



descrença em todas as suas manifestações, trabalhando pela inculturação da fé cristã nas diversas culturas de nossa sociedade".

Como o padre Manoel da Nóbrega, o Pe. Ávila sempre lutou por um Brasil melhor, podendo repetir, diante dos desafios de hoje, o que afirmou aquele heróico jesuíta ante a imensidão do nascente Brasil selvagem e misterioso: "Esta terra é a minha empresa."

Orador emocionado – e que emociona – o padre Ávila cativa os ouvintes com a riqueza da fala e os gestos oportunos que desenha com as mãos



Leandro Konder  
professor da PUC-Rio e da  
UFRJ

# DEPOIMENTO DE UM SOCIALISTA

**N**

o início dos anos setenta, a ditadura militar se achava, entre nós, no seu período de maior endurecimento. Apoiada no Ato Institucional nº 5, a repressão alcançava seus níveis de maior truculência. Eram os tempos do “Brasil Grande” e da promessa demagógica da rápida ascensão do nosso país ao “Primeiro Mundo”. A oposição – qualquer oposição – se via posta sob a suspeita permanente de ser “impatriótica” e de atuar imbuída de motivações escusas, pérfidas.

Entre os opositores mais aguerridos (nem sempre os mais sensatos) apareciam com frequência pessoas e grupos que usavam uma linguagem “marxista” e faziam análises críticas inspiradas em Marx. Os detentores do poder, então, empreenderam um combate especialmente drástico contra o “marxismo”. A repressão chegou a promover campanhas de difamação contra o socialismo (sobretudo contra as concepções socialistas que invocavam o autor do *Capital*).

Em meio a esse quadro de histeria, ouviu-se uma voz surpreendentemente serena. O padre Fernando Bastos de Ávila acabou de escrever em 1970 e publicou em 1972 uma série de textos reunidos no volume *O Pensamento Social Cristão antes de Marx* (edi-

tora José Olympio). Com a tranquilidade de quem está familiarizado com seu tema, com a prudência de quem quer compreender melhor toda a riqueza do complexo movimento das idéias, o padre Ávila recusava os esquemas simplificadores da difamação.

Por força de sua condição de professor de sociologia, de intelectual sério, estudioso competente de questões filosóficas e teológicas, mas também em decorrência da sua maneira generosa (e não-sectária) de ser cristão, o nosso jesuíta se insurgia, suave porém firmemente, contra a imposição do maniqueísmo.

Em seu livro, o padre Ávila reproduzia e comentava textos de autores cristãos que demonstravam que “mesmo antes da difusão da ideologia marxista, estava em processo, dentro da própria tradição cristã, uma reflexão crítica da sociedade capitalista nascida da revolução industrial”. Os leitores se defrontavam com a evidência de que, no interior do campo cristão, na primeira metade do século XIX, encontravam-se denúncias da espoliação capitalista, da extração da “mais-valia” e da exploração do homem pelo homem.

No volume se podia ler a advertência de De Bonald: “parece (...) que a indústria está cavando sua própria sepultura”. Também se podia ouvir a voz cantante de Lamennais: “a fome coloca o proletário na dependência absoluta do capitalista” (em 1839!). E se podia

"Intellectual sério e generoso, nosso jesuíta se insurgiu, suave mas firmemente, contra a imposição do maniqueísmo"

constatar que já em 1832 Philippe Olympe Gerbet condenava a substituição do velho feudalismo por “uma outra forma de feudalidade, a feudalidade da riqueza”.

Como não estremeceríamos ao nos deparar com o tom profético de Gerbet, ao escrever: “Se as classes inferiores começarem a se agitar, antes que o cristianismo seja reconstruído nas consciências, a Europa haverá de assistir a lutas formidáveis, que não terão tido semelhantes em toda a história do mundo”?

O padre Ávila sabia que seu livro, nas condições em que estava sendo lançado, tinha algo de “explosivo”. Por isso, no prefácio, formulou votos no sentido de que o volume fosse lido “com a mesma desprevenção com que foi escrito”.

Os votos não foram atendidos. Os leitores mais comprometidos com posições hostis ao socialismo se aborreceram com a “indulgência” com que eram tratadas tendências que precisavam ser “aniquiladas”. Funcionários do sistema estatal hegemônico pela direita grunhiram ameaças e tiveram o impulso famoso de Goebbels: pensaram logo em sacar suas armas.

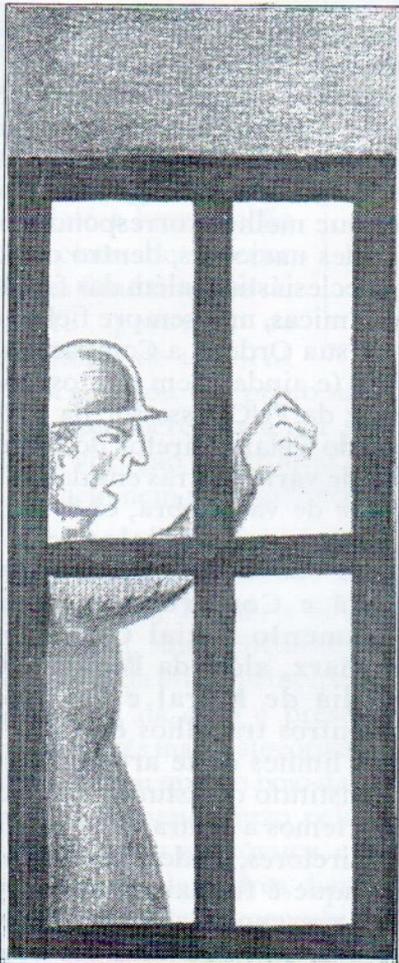
Os socialistas, evidentemente, se regozizaram. Se me permitem um depoimento pessoal, direi que, quando li o livro na Alemanha, onde me encontrava, exilado, fiquei emocionado, telefonei para alguns amigos para com eles partilhar minha alegria: um autor que não tinha nenhum envolvimento político conosco se expressava a respeito do nosso

complexo universo com um equilíbrio admirável. Com a autoridade do seu saber e da sua isenção, o padre Ávila contribuía para desmoralizar a perseguição sistemática e virulenta desencadeada contra nós.

Um pouco depois, passado o momento de (legítima) euforia, me dei conta de que O Pensamento Social Cristão antes de Marx tinha para nós, socialistas brasileiros perseguidos, outra utilidade: além de nos proporcionar apoio moral numa hora sofrida, o padre Ávila nos trazia importantes subsídios para a reflexão. Ajudava-nos a enriquecer nosso quadro de referências, a ampliar o campo das construções teóricas que precisamos estudar comparativamente.

Devo ao padre Ávila a percepção de que autores conservadores que eu me dispensava de ler — como De Maistre ou De Bonald — tinham coisas realmente significativas a me dizer (e essa descoberta me ensinou que o enviesamento ideológico do pensamento da direita não o condena inevitavelmente à esterilidade). Devo-lhe, ainda, uma compreensão menos superficial de escritores como Lamennais e Lacordaire, que só conhecia através de trechos recolhidos em antologias e me pareciam um tanto ocamente retóricos (equívoco meu). E lhe devo a constatação de que, na tradição cristã, era maior do que eu pensava o espaço ocupado por representantes de uma visão energeticamente crítica da sociedade capitalista.

Por tudo isso, quero deixar registrada aqui minha gratidão.





Paulo C. Moura,  
presidente do Iepes, do  
Conselho de  
Desenvolvimento da  
PUC

# O CRUZADO DA ESPERANÇA

C

omo indica a etimologia, definir é pôr limites. Por isso mesmo, a personalidade de Fernando Bastos de Ávila transcende a qualquer definição. O limite de Ávila é a comunhão com o Ab-

soluto.

Intellectual da melhor estirpe, formado na melhor tradição humanista, o nosso padre Ávila é um patrimônio da Igreja do Brasil, da Companhia de Jesus e da PUC, um pioneiro e desbravador da Sociologia, e das ciências sociais em geral, tendo sido o fundador do Curso de Sociologia da PUC e da revista "Síntese Política, Econômica e Social (SPES)", que nos anos 60 tiveram decisivo papel no debate ideológico que então invadia o Brasil e dos quais a memória da PUC e de várias gerações guarda lembrança permanente e atualizada.

Jovem ainda, foi enviado por seus superiores para suas primeiras Provações, que cumpriu na Itália, logo após a guerra. Convivendo com situações críticas de um país derrotado e ocupado, certamente sentiu o drama pessoal e social de comunidades carentes, de valores em conflito e, com isso, se não nasceu aí, certamente reforçou sua sensibilidade para as questões sociais, que marcariam a tônica de toda uma vida apostolar e acadêmica.

Aluno graduado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma de doutorado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Louvain, o *scholar* brilhante dedicou todo o brilho de sua radiosa inteligência às atividades que melhor correspondiam às prioridades nacionais, dentro ou fora do meio eclesiástico, além das fronteiras acadêmicas, mas sempre fiel ao espírito de sua Ordem, a Companhia de Jesus. Foi (e ainda é, em muitos casos) professor da PUC, assessor da CNBB, assessor do Celam, diretor do Ibrades, assessor de várias outras entidades leigas, autor de vasta obra, onde se inclui a *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*, o livro *Fé Cristã e Compromisso Social*, *O Pensamento Social Cristão antes de Marx*, além da *Pequena Enciclopédia de Moral e Cívismo* e muitos outros trabalhos que não cabem nos limites deste artigo. Nós, no Iepes - Instituto de Estudos Políticos e Sociais - temos a honra de tê-lo como um dos diretores, desde a fundação. Ali seu destaque é fundamental, porque, com sua presença e ação, forma mais do que ensina, e orienta mais do que corrige; e nos educa a todos, ajudando-nos a descobrir o que todo ser humano sabe: que o mais íntimo de nós é também o mais universal. Ávila é coautor das principais publicações do Iepes, entre as quais o já consagrado projeto *Brasil-2000*, além do livro *Brasil, Reforma Social ou Caos* e outros trabalhos de grande alcance po-

"Conviver com o  
padre Ávila é  
aprender que o  
uso da razão é  
retificado pela  
compaixão e que  
a plenitude  
realiza-se pela  
alegria do  
reencontro com  
Deus"

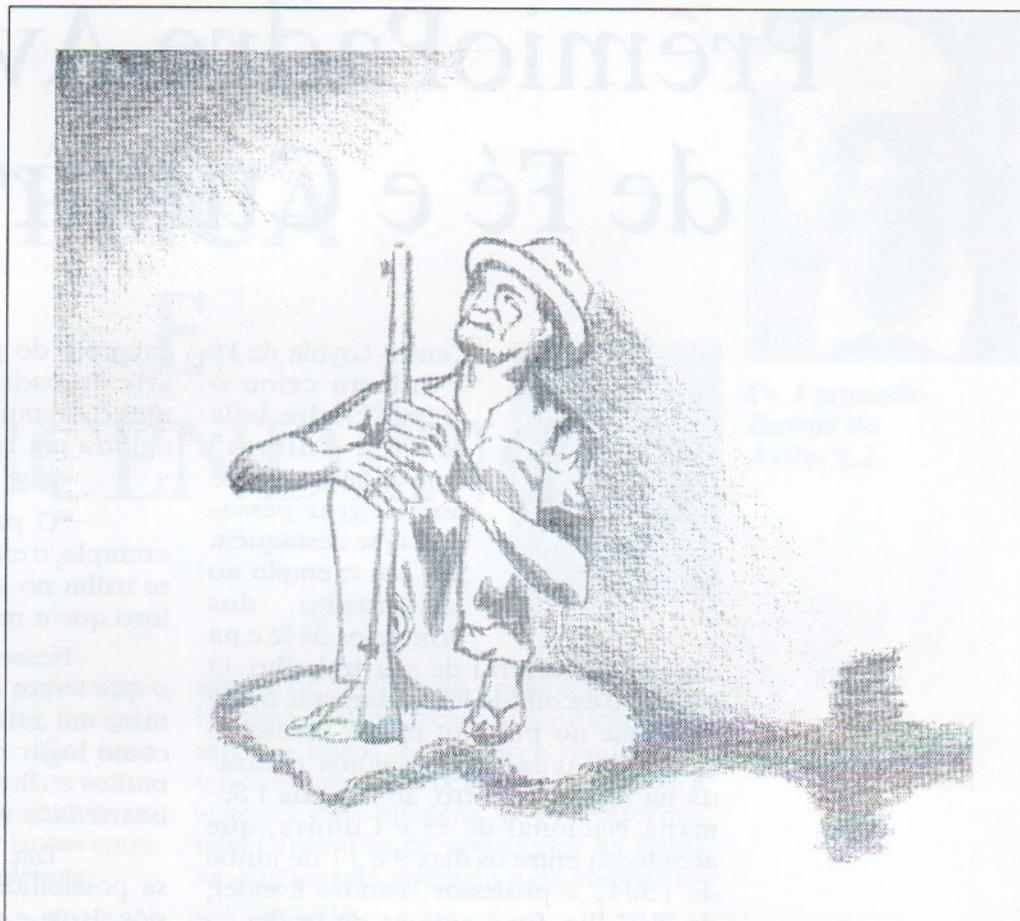
lítico e social.

À semelhança de Chesterton, o padre. Ávila harmoniza a ciência com a fé, exercita a crítica social, denuncia as imposturas dos falsos profetas, clama pela justiça social, combate as iniquidades, mas faz tudo isso transbordante de ternura, inundado de esperança e sempre com um fino senso de humor, sua marca pessoal característica.

Nos tempos difíceis do regime ditatorial, sua palavra ajudou a Igreja a ser a voz dos que não podiam falar, e por isso sofreu perseguições, chegando até à humilhação de ser chamado a depor sobre os fundamentos de sua fé perante os inquisidores de um IPM da época. Pagou um preço não pequeno por sua coerência e por sua fidelidade à vocação sacerdotal. Mas não esmoreceu, nem mesmo se tornou "ácido".

Superada aquela fase da vida nacional, ao refazer o país a normalidade institucional, sua atenção concentrou-se no plano da ética, principalmente da ética social, da qual é presentemente uma das vozes mais categorizadas. É que cedo percebeu que no bojo da crise brasileira, sem menosprezo pelas dimensões política ou econômica, existe uma profunda crise de valores, diante da qual o cristão tem uma responsabilidade explícita e insubstituível. Seu livro *Fé Cristã e Compromisso Social* é uma evidência deste comprometimento.

Assim, Ávila se transformou no apóstolo social. Conferencista dos mais requisitados, tanto por seus dotes de didata, como e principalmente por sua capacidade de evangelizar pela presença, nosso homenageado transcende as



gerações e penetra tanto entre os mais velhos, que o conhecem de longa data, como entre os jovens, que passam a admirá-lo com entusiasmo renovado.

Conviver com o padre Ávila é um privilégio e uma graça. Mas é principalmente aprender que o uso da razão tem que ser retificado por uma compaixão, e que a plenitude do ser não se realiza pelo acúmulo de conhecimentos, mas pela alegria do reencontro com Deus. Ávila é mestre no uso da razão e tem o dom da compaixão. Acumula erudição invejável, mas a coloca a serviço dos outros, na busca do Ser e na alegria do Encontro.

Apóstolo do social, cruzado da esperança, sua vida é um testemunho de fé e da sabedoria que só se adquire quando se é eleito por Deus para ser sinal visível da transcendência divina.

Sua presença entre nós é uma graça, diante da qual há mais motivos para celebrar do que festejar.

# Prêmio Padre Ávila de Fé e Cultura



O Centro Loyola de Fé e Cultura criou o prêmio "Padre Ávila de Fé e Cultura" com o objetivo de homenagear pessoas que se destaquem por seu exemplo no testemunho dos princípios da fé e na

expressão cultural de seu trabalho. O primeiro escolhido foi exatamente o que dá nome ao prêmio: padre Fernando Bastos de Ávila. Em cerimônia realizada na sede do Centro, ao final da I Semana Nacional de Fé e Cultura, que aconteceu entre os dias 9 e 11 de junho de 1994, o professor Leandro Konder, da PUC-Rio, fez a entrega do troféu ao padre Ávila. Antes, porém, o professor Roberto Bartholo, da PUC e da Coppe, explicou o sentido do prêmio:

"Hoje é um dia de alegria. E o sentido primeiro desse prêmio é a celebração dessa nossa alegria. Uma celebração onde vamos articular dois momentos: o momento do símbolo e o momento do exemplo, do bom exemplo, pela graça de Deus. Símbolo e exemplo de que precisamos porque, como disse Pascal, 'nós somos seres humanos, não somos anjos, nem animais'. E se temos fome de ética, como pudemos apreender das exposições anteriores, temos fome não apenas da ética dos conceitos, mas também da ética da comção dos corações.

"Por que Prêmio Padre Ávila de Fé e Cultura?

"Porque no

exemplo do padre Ávila e na obra de arte do padre José Fernandes, S.J., temos o exemplo e o símbolo de uma fé e cultura em relação dialogal.

"Pois bem, e o padre Ávila?

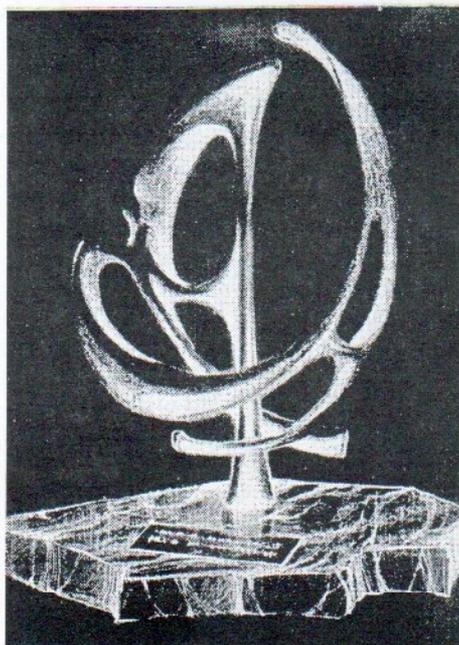
"O padre Ávila é o nosso bom exemplo, o exemplo de um caminho que se trilha no diálogo, o exemplo de diálogo que é morada da solidariedade.

Nesse símbolo e nesse exemplo, o que temos diante de nós são fé e cultura, em relação dialogal, fé e cultura como lugar de encontros solidários, de muitos e diversos eus e tus, que na solidariedade se tornam nós.

"Este prêmio é a indicação dessa possibilidade. É possível sermos um nós. Hoje é um dia de alegre celebração. Celebramos hoje a nossa alegria, oferecida em solidariedade.

"E nós vamos, queira Deus, repetir esta celebração a cada ano, a cada nova Semana Nacional de Fé e Cultura. Este Prêmio Padre Ávila de Fé e Cultura e que será entregue, no ato de sua instituição, à pessoa do padre Ávila, vai ser atualizado, na entrega simbólica, repetida e renovada a cada ano, em cada nova Semana, a um novo exemplo indicativo, e que Deus nos ofereça muitas desses exemplos, porque deles tanto precisamos.

"Que o momento dessa entrega seja celebração da nossa alegre solidariedade de cada dia. Neste momento, e para finalizar, gostaria de fazer uma referência a um grande pensador do nosso tempo, Martin Rüber, um dos maiores sábios judeus do nosso século, que disse: 'Eu me torno eu no tu'. Esta entrega do prêmio ao padre Ávila, pelas mãos do professor Leandro Konder, faz clara a significação profunda das palavras de Buber: a celebração do diálogo como morada da nossa solidariedade de cada dia."



# ÉTICA E TRANSCENDÊNCIA



Pe. Fernando  
Bastos de  
Ávila, S.J.

1

Sem maiores preocupações acadêmicas, proponho-me apresentar uma reflexão na qual procuro acompanhar a trajetória, no Ocidente, das relações entre ética e transcendência.

Tomo como cenário desta reflexão o Ocidente pelo fato de que considero como uma das características fundamentais do processo civilizatório ocidental a busca de captar em categorias racionais a imensa complexidade e fluidez da realidade.

É o que me obriga a partir de uma breve elucidação sobre os termos do binômio que nos ocupa.

Os gregos entendiam por *ethos* conjunto de condutas morais pelas quais um grupo humano, mesmo antes de qualquer prescrição codificada, busca padrões de viver e de conviver que lhe garantam sua preservação e hoje diríamos seu desenvolvimento, de maneira a atingir o nível possível de felicidade, de eudaimonia, numa vivência digna e numa convivência sensata.

O esforço para explicitar em categorias racionais a riqueza e a vivacidade desse *ethos* constitui a origem mesma da reflexão ética. A ética é a reflexão racional sobre o *ethos*. É a busca de sua base antropológica, o desvendar do mistério do homem, o conhecer-se a si mesmo - "*gnoti seaution*" - como ca-

minho único da auto-realização. Só sabendo o que sou, posso saber o que devo ser. É a busca dos valores - valor entendido como um bem que dá sentido à ação e à vida humana, para o interminável trabalho de consolidar as bases axiológicas da vivência e da convivência humana.

Por entre as críticas dos cétricos e dos cínicos, Sócrates inaugura este esforço, maeuticamente, isto é, obstetricamente, esforço prolongado por Platão, que imortaliza o pensamento do mestre em seus Diálogos. Nunca talvez a linguagem escrita tenha, com mais perfeição, acompanhado as mais sutis inflexões do pensamento do que nos Diálogos de Platão. Aristóteles, seu discípulo, se distancia do idealismo dialético do mestre - "*amicus Plato sed magis amica Véritas*". O seu realismo filosófico acabaria dominando o pensamento escolástico até a decadência do nominalismo de Ockham, um dos temas do O Nome da Rosa, de Umberto Eco. É Aristóteles que na sua Ética a Nicômaco, formularia o que podemos chamar o primeiro tratado sistemático da Ética. O pensamento aristotélico, conhecido no Ocidente através dos comentadores árabes e judeus, especialmente do grande centro de cultura que foi Toledo dos séculos X e XI, foi resgatado por Tomás de Aquino e, no que concerne à ética, integrado na *Secunda Secundae* de sua *Summa*

"A batalha pelos valores vem se deslocando do campo das idéias para o campo das imagens"

Premio Padre Ávila  
de Fé e Admira



## Theologica.

O termo transcendência pretende designar a forma de uma relação entre o sujeito e uma realidade da qual ele se distingue ou que está para além (=trans) da

"Ens a Se"

realidade que lhe é acessível, através dos seus sentidos, bem como através dos sofisticadíssimos recursos tecnológicos pelos quais a ciência prolongue imensamente o poder dos próprios sentidos (cfr. Henrique C.L. Vaz, S.J.: *Antropologia Filosófica* - vol. II, pg. 93). Não é exclusividade do Ocidente ter chegado à idéia da transcendência. Grandes tradições orientais também chegaram à convicção de que a imanência cósmica não constituía a totalidade da realidade objetiva, ou seja, chegaram à convicção da existência de uma transcendência. Talvez a originalidade da contribuição do Ocidente consista na sua passagem da idéia de uma transcen-

dência como realidade difusa para a idéia de um Transcendente, de um Ser Transcendente, como um "Ens a Se".

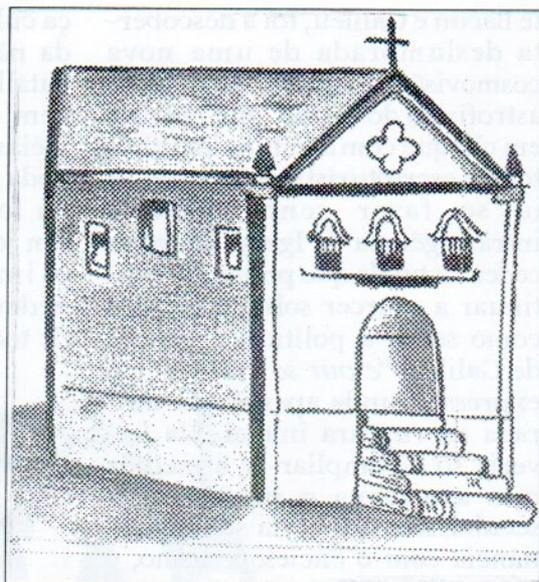
Após esta elucidação inicial dos termos, ética e transcendência, afoito-me a abordar o desafio que eles levantam: qual a relação entre ética e transcendência?

A ética clássica, na sua elaboração ática, não se vinculava explicitamente à transcendência. Ela se referia à racionalidade do comportamento, do *ethos*. O comportamento ático era punido pela sua própria irracionalidade e pelas consequências nefastas

que eventualmente acarretava para o sujeito e/ou para a comunidade. Aristóteles, a cuja obra dedicada a seu filho Nicômaco, já fiz referência acima, sabia da existência do *Ens a Se*, do Ser cuja essência é precisamente o puro ato de existir, a mais alta noção da divindade no mundo não-cristão. No entanto, ele, Aristóteles, não referia sua ética a essa Transcendência, porque professava o que se chamaria depois uma espécie de deísmo. Deus, na sua infinita transcendência, não se interessa "pelo mundo terráqueo sub-lunar".

O pensamento clássico, mesmo na sua expressão mais austera, na tradição estóica, tanto grega quanto romana, não fazia a vinculação entre ética e transcendência. Para o estoicismo, a dignidade ética devia consistir em viver harmoniosamente, ou seja, viver segundo a natureza. A ação honesta possui em si mesma a sua recompensa.

3 É na tradição escolástica, que, no Ocidente, se faz definitivamente a vinculação, a referência, entre ética e transcendência, por obra, principalmente, como antes referido, de Santo Tomás de Aquino. É ele, com efeito, que realiza na expressão de Henrique C.L. Vaz, S.J. a conexão entre o duplo movimento da "anábasis" e da "catábasis", ou seja, do gigantesco esforço humano ascensional (anábasis), em busca da racionalidade, e do dom gratuito da revelação que vem do alto (catábasis), e que chega ao homem pelo evangelho do Verbo. (Conferência pronunciada no Instituto de Estudos Políticos e Sociais - Iepes em Simpósio sob o tema: "Transcendência e mundo na virada do século" - 1993)



É na conexão deste duplo movimento que se encontra a síntese da relação entre ética e transcendência: um ser livre - liberdade como constitutivo essencial da ética - mas responsável por seus atos livres perante a Transcendência. É nesta conexão que se encontra a superação do que diríamos o maior "risco" de Deus, o de ter ousado criar seres livres, ou seja, seres que respondessem com amor à sua infinita bondade, mas que também, pelo mesmo fato de serem livres, dotados da trágica possibilidade de repudiá-lo.

O sentido desta responsabilidade ética perante a Transcendência seria o cimento que consolidaria a estrutura daquilo que se convencionou chamar de civilização ocidental cristã. Essa estrutura sofreu impactos, como abaixo se notará, sofreu suas rachaduras, mas ainda conserva sua identidade milenar, hoje com extensões planetárias.

4 A ruptura da relação da ética e da transcendência, no Ocidente, relação consolidada pela Igreja, não teve origem num movimento de rebeldia. De início, com os precursores do renascimento e da modernidade, especialmen-

te Bacon e Galileu, foi a descoberta deslumbrada de uma nova cosmovisão, inclusive no sentido astrofísico do termo, que entrava em choque com a leitura literal de textos escripturísticos. A ruptura ia se fazer sentir ante a intransigência da Igreja de saber ceder na tutela que pretendia continuar a exercer sobre a cultura como sobre a política. A reação de Galileu "e pur se muove", é a expressão ainda apenas murmurada da ruptura inicial. Ela haveria só de ampliar-se à medida que avançava o processo de secularismo que teria sua culminância com o enciclopedismo, o naturalismo Rousseauiano, a ilustração, e o racionalismo triun-

ça cultural de cuja gravidade ainda não nos damos bem conta: a batalha pelos grandes valores se vem deslocando do campo das idéias para o campo das imagens. Toda a estrutura ético-valorativa na formação da consciência de um jovem pode desmoronar sob o impacto do marketing do hedonismo consumista que invade todos os lares.

5

Não tenho dúvida de que o sentido do grande projeto do pontificado de João Paulo II para o próximo milênio é a recuperação da

vinculação da ética à Transcendência. Esta tese é confirmada na obra, sobre os outros aspectos discutível, de Malachi Martin: *The keys of this blood* (Simon and Schuster, 1990). O Papa sente a urgência da necessidade de redescoberta do sagrado. Ele conhece a severa advertência - de Leszecz Kolakowski (filósofo polonês de formação marxista, que enfrentou o Cardeal Wysinski): "La culture, quand elle perd son sens du sacré, perd tout sens du reste. Avec la disparition du sacré, qui impose des limites à la perfection susceptible d'être atteinte par le profane, surgite une des plus dangereuses illusions de notre civilisation - l'illusion qu'il n'y a pas de bornes aux changements que peut subir la vie humaine, que la société est "en principe" perpetuellement flexible, et que nier cette flexibilité et cette perfectibilité est nier la totale autonomie de l'homme et, portant, nier l'homme lui-même... L'utopie de la parfaite autonomie de l'homme et l'espoir de perfection illimitée sont peut-être les instruments de

suicide les plus efficaces jamais inventés par la culture humaine. Rejeter le sacré, c'est rejeter nos limites. C'est aussi rejeter l'idée du mal". (cit. por Jacques Attali: *Lignes d'horizon*; Paris, Fayard, 1991). Crer na existência da Transcendência, e mais precisamente do Transcendente; ter a certeza de que o homem, ser livre, é pessoalmente responsável diante deste Transcendente, são as duas exigências fundamentais para a inauguração de um novo milênio para a comunidade humana unida pela satisfação de seus anseios de justiça, liberdade, verdade e solidariedade.

6

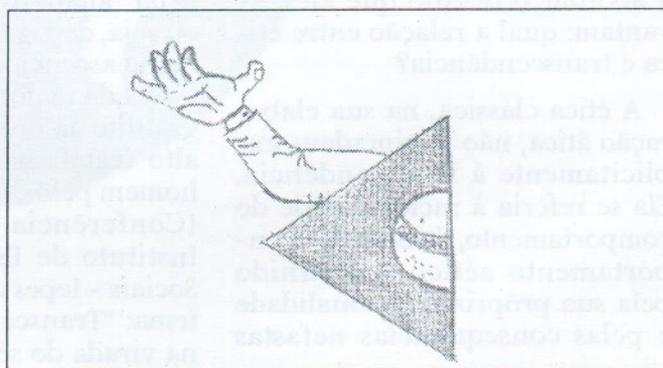
Um dos caminhos que hoje mais aproximam o homem da Transcendência é curiosamente a ecologia. Ecologia como teofania. As descobertas científicas vulgarizadas e di-

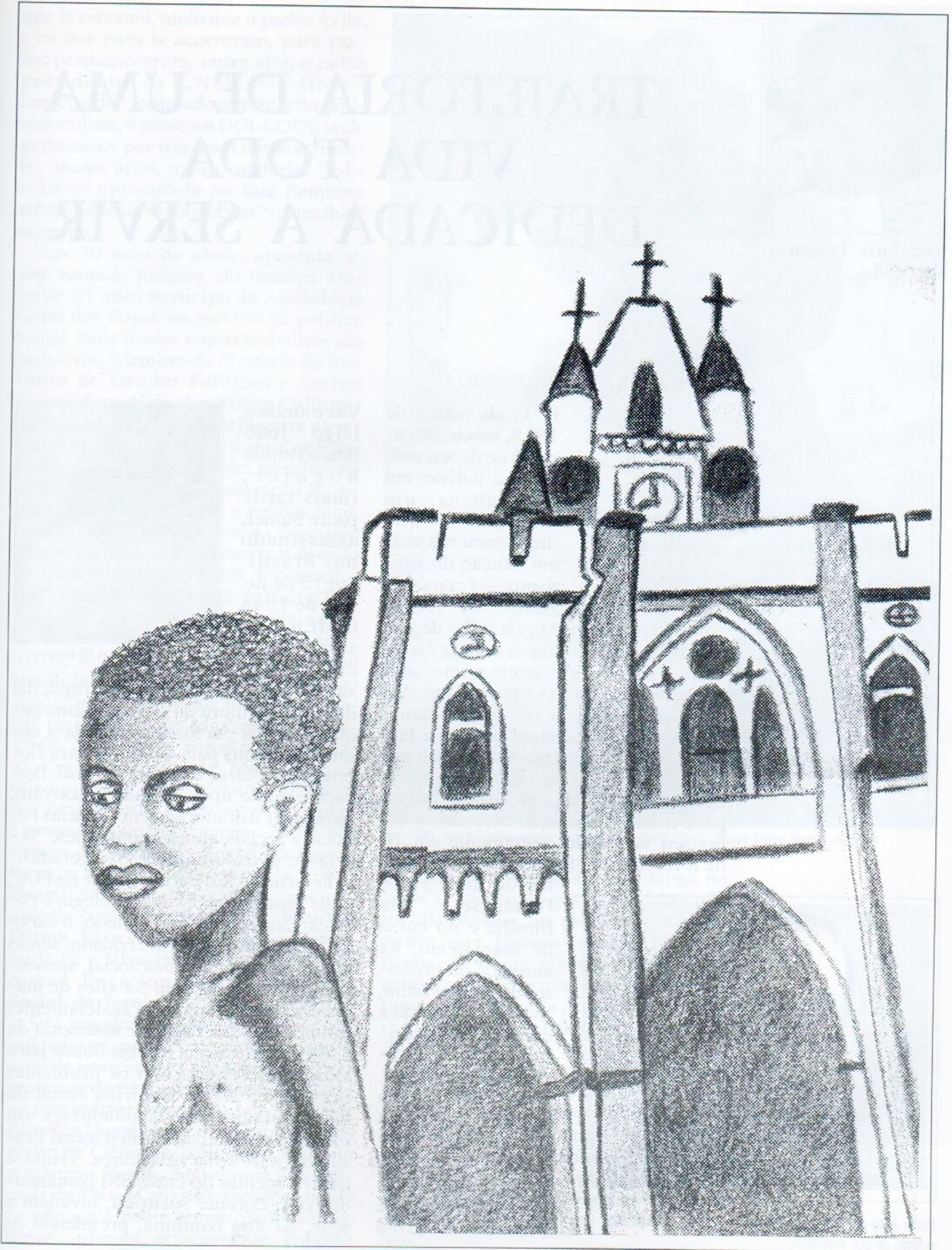
fundidas pela mídia vêm revelando cada vez mais o poder, a sabedoria, o amor da majestade silenciosa de um ser que só Ele, pode responder à indagação primordial: "porquoi y-a-t-il quelque chose plutôt-que rien". (Jean Guilton: *Dieu et la science* - Paris, 1991). A espantosa grandeza do macrocosmo e a maravilhosa beleza do microcosmo leva cada vez mais o homem à convicção de que a única resposta àquela indagação primordial é a existência de um Transcendente cuja essência é amor. No fim, é isto mesmo: *Deus caritas est*.

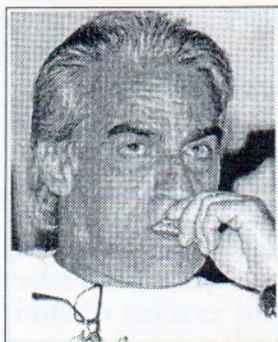
"Deus caritas est"

fante. Deus, a Transcendência, é uma hipótese dispensável na interpretação do cosmos (Laplace). Curiosamente porém o próprio Kant, que na sua *Crítica da Razão Pura* parecia dispensar o Deus da ética, na sua *Crítica da Razão Prática*, intue que, sem uma referência à Transcendência como Sumo Bem, era impossível fundar o comportamento ético em um imperativo categórico (cfr. Contribuição de Marcelo Perine no Simpósio organizado por Hélio Jaguaribe sob o tema: "Transcendência e Mundo na virada do século", 1993).

Vivemos hoje as conseqüências trágicas desta ruptura da ética e da Transcendência, na crise que atinge a sociedade moderna em todos os seus setores, político, econômico, social, cultural, mazelas, discriminações, desigualdades, corrupção, das quais não cabe aqui fazer o doloroso inventário. Pagamos o preço de uma mudan-







José Luiz Peixoto,  
advogado

# TRAJETÓRIA DE UMA VIDA TODA DEDICADA A SERVIR

**E**

m 17 de março de 1918, nasce, no casamento de seu avô, na Rua Bolivar em Copacabana, um homem que direcionou sua vida em função do próximo: Fernando Bastos de Ávila.

Com sua única irmã Lygia, filho de José Bastos de Ávila e Cinyra Muniz Freire Ávila, viveu seus primeiros oito anos naquela então pacata Copacabana. Aos nove anos ingressa no Colégio Santo Inácio e a família muda-se para a Rua General Polidoro. Após três anos, a pedido de sua mãe, se interna no então Colégio Apostólico, em Nova Friburgo, para iniciar a vocação sacerdotal. Ali faz seu noviciado, exatamente em 10 de fevereiro de 1935, portanto há exatos

60 anos atrás. Forma-se em filosofia e no curso de magistério, na ausência do professor de grego e latim, Ávila é conduzido à cátedra, pela primeira vez preenchida por um leigo.

Em 1945, após a guerra, embarca para Roma para terminar o curso de Teologia juntamente com Henrique Claudio de Lima

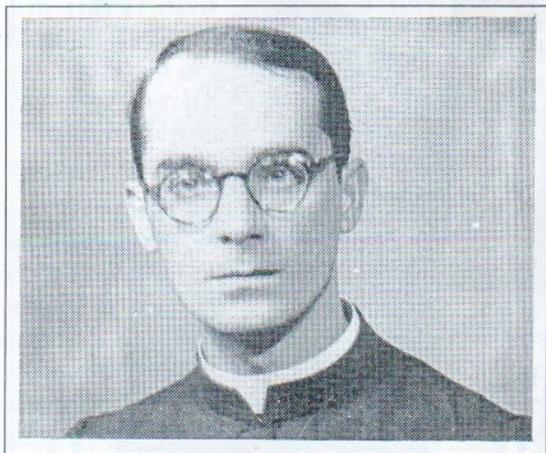
Vaz e ainda o leigo João Bosco Penido Burnier, (mais tarde padre Bunier, assassinado no Brasil). Em 15 de junho de 1948 ordena-se sacerdote, celebrando

sua primeira missa no dia seguinte, dia de Nossa Senhora do Carmo, numa pequena igreja em Roma, onde dá a comunhão a seus pais. Muda-se para Florença para fazer o terceiro ano de Provação, sendo após enviado a Louvain, para fazer o doutorado em Ciências Políticas e Sociais, apresentando a tese "Teoria Geral das Migrações" (esgotada).

Retorna ao Rio para lecionar na PUC, onde funda a Escola de Sociologia e Política. Exerce, por um período, o cargo de Vice-Reitor da Universidade, sendo ainda professor de Ética Social, aposentando-se da PUC, com 34 anos de magistério universitário. Paralelamente, funda o Ibrades, órgão de assessoria da CNBB, instituto que recebia bolsas para alunos que estudassem os problemas brasileiros à luz da Doutrina Social da Igreja. Estamos já na ditadura, e um instituto preocupado com o social brasileiro, não teria vida longa. Trinta e quatro agentes do então SNI comandados pelo Corenel Sucupira, invadem a sede, na Rua Bambina, prendendo os



Em 1928, aos 10 anos



Padre Ávila em 1948, aos 30 anos,  
quando de sua ordenação

que lá estavam, inclusive o padre Ávila, e os que para lá acorreram, para presos permanecerem, entre eles, o então presidente da CNBB, D. Aloysio Lorscheider. Instalado o inquérito policial-militar, é preso no DOI-CODI, onde permanece por um dia. Liberado, recebe, meses após, todo o material "subversivo" apreendido na Rua Bambina sublinhado de vermelho, as "vermelhas" suspeitas.

Aos 70 anos de idade, aposenta-se, por vontade própria, do Ibrades. Durante 21 anos participa da Assembleia Geral dos Bispos na matéria de política social. Seus títulos e seus trabalhos são inúmeros. Membro da diretoria do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (Iepes) Secretário dos Meios Culturais da Arquidiocese do Rio de Janeiro; membro do Conselho Técnico da Confederação Geral; do Comércio; membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Ciência Política e muitos mais. Importante papel exerceu na Comissão Afonso Arinos, que preparou o projeto da Constituição em 1988. É consultor do Conselho Pontifício de Justiça e Paz.

Publicou diversas obras, destacando-se: *Introdução à Sociologia - Agir* 1978; *Neo-Capitalismo, Socialismo e Solidarismo - Agir* 1963 (esgotado); *L'Immigration au Brésil* - Agir 56 (esgotado); *Solidarismo - Agir* 1965 (esgotado); *Pensamento Social Cristão antes de Marx - José Olympio* 1972- (esgotado); *O Clero no Parlamento Brasileiro - Centro Documentação Informação - 1978/85*; *Igreja e Estado no Brasil, Perspectivas e Prospectivas - Loyola* 1987; *Brasil Reforma ou Caos - em co-autoria com Helio Jaguaribe, Winston Fritsch, Marcelo Paiva Abreu e Nelson do Valle e Silva-Paz e Terra* 1989; *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja - Loyola - 1991*.

Este brasileiro ímpar, que fez da humildade um sacerdócio, comemora os 60 anos de noviciado lúcido, atuante e presente na coerência de uma vida dedicada ao magistério. Convidado por Rafael de Almeida Magalhães, para o cargo de Ministro de Ciência e Tecnologia, durante o governo Sarney, em seguida à derrocada do Plano Cruzado, recusou no ato (e não após pedir tempo para pensar, como informa, erradamente, Roberto



Em 1935, aos 17 anos, noviço, com a mãe, dona Cinyra Muniz Freire Bastos de Ávila

Campos, em seu livro "A lanterna na popa"), ciente de que sua missão não incluía Brasília. Da mesma forma, impediu que fossem levadas adiante negociações bem encaminhadas para assumir a cadeira número 25 (patrono, Junqueira Freire) da Academia Brasileira de Letras, vaga devido à morte de Afonso Arinos, que em vida, lhe propusera, certa vez, ser seu suplente numa eventual candidatura ao Senado, o que também não aceitou. Este homem simples porque verdadeiro, humilde porque sábio, resume numa frase toda a sua imensa vocação: "A única coisa gratificante nesta vida é ter podido servir e ajudado um pouco os outros."



Francisco Ivern, S.J.  
Superior Provincial

## DO PROVINCIAL

S

oube que na ocasião da Semana dedicada ao tema "Fé e Cultura", organizada pelo Centro Loyola, que seria prestada uma bem merecida homenagem ao Padre Fernando Bastos de Ávila, pela sua eminente contribuição em áreas que tocam a temática dessa Semana e constituem a razão de ser do Centro.

*Através dos seus cursos, seminários, acessórios, palestras e numerosos escritos - fruto de uma inteligência privilegiada, mas também de longos anos de tenaz e perseverante trabalho - o padre Ávila contribuiu para difundir, como nenhum outro, a Doutrina Social da Igreja no Brasil e para formar, de acordo com as exigências sociais de nossa fé, inúmeros leigos e leigas que hoje ocupam posições de responsabilidade na nossa sociedade.*

*Não quero deixar passar esta oportunidade sem me associar pessoalmente a essa homenagem, não apenas como Superior Provincial da Província Centro-Leste da Companhia de Jesus - Província à qual o padre Ávila pertence - mas também pelos laços de amizade que a ele me unem.*

*Peço a Deus que conceda ao padre Ávila ainda muitos anos de vida para que possamos usufruir dos seus ensinamentos e sábios conselhos.*



Roma, 1985. Acompanhado do padre José Souza Mendes, S.J. (parcialmente encoberto), o padre Ávila, cumprimenta o Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Peter-Hans Kolvenbach (à direita).